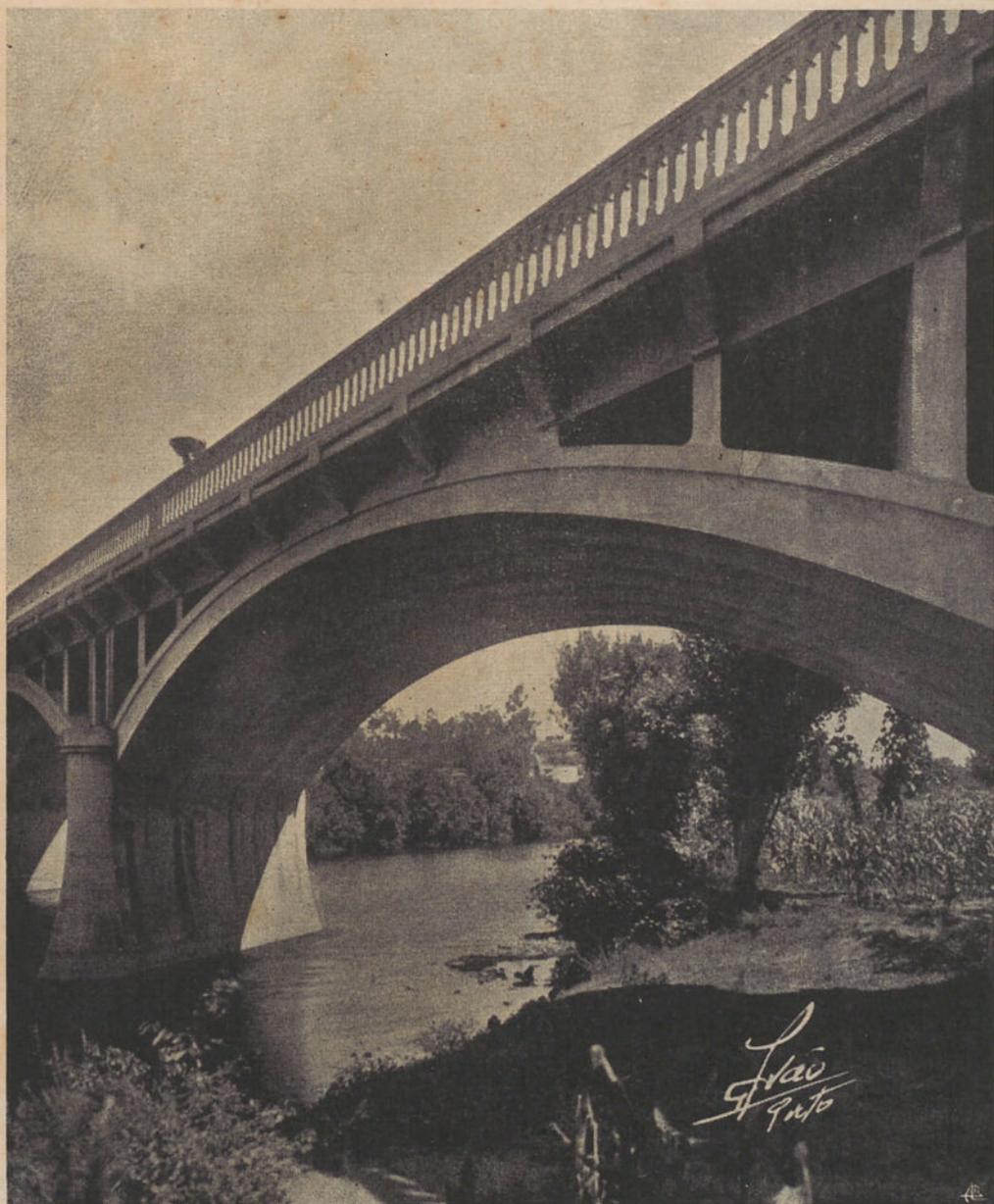


Gazeta das Aldeias



Sala _____
Est. _____
Tab. _____
N.º _____

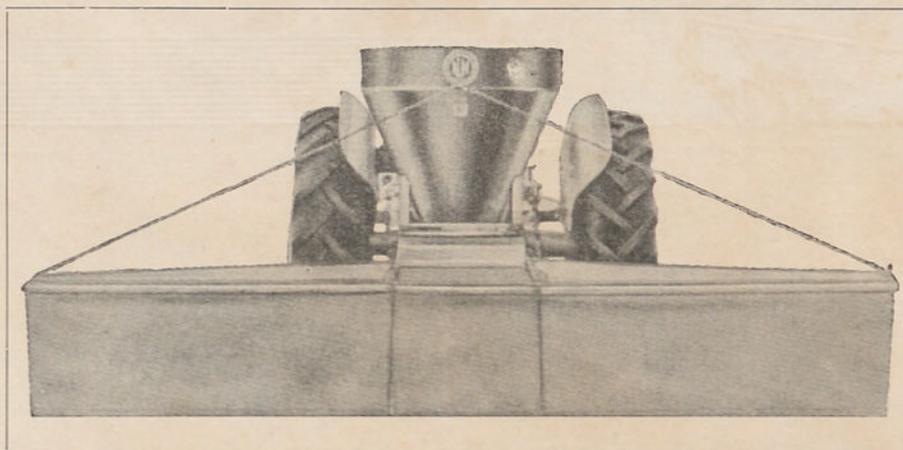
N.º 2414 * 1 DE JANEIRO DE 1960

Distribuidores de Adubos



(Patente registada N.º 34753)

Os mais perfeitos, económicos e de maior rendimento



3569

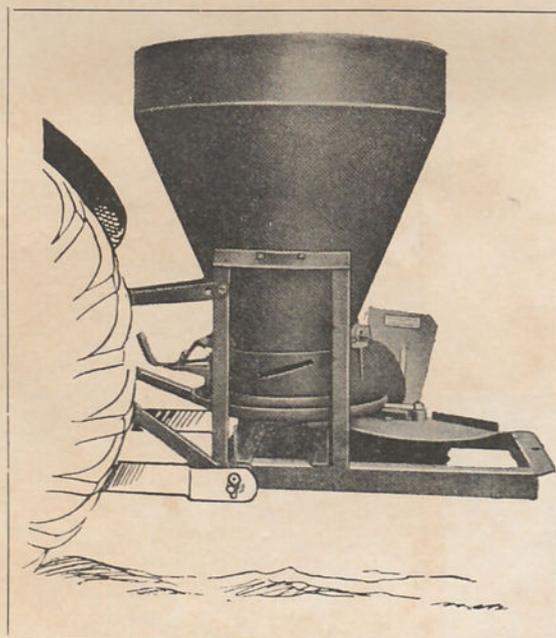
Montagem fácil no levantador hidráulico de qualquer tractor
Todas as engrenagens trabalham em banho de óleo, e devidamente isoladas das poeiras

CAPACIDADE DE ESPALHAMENTO

Superfosfato granulado . . .	até 10 metros
Fertilizantes em pó.	até 6 metros
Nitrato de cal	até 8 metros
Cal em pó	até 4 metros

Utilizando adubos em pó, o dispositivo de cortinas «NM» evita que o pó mais fino seja levado pelo vento.

O ESPALHAMENTO É TÃO PERFEITO QUE MUITOS SRS. LAVRADORES OS UTILIZARAM COMO SEMEADORES, COM OS MAIS LISONJEIROS RESULTADOS.



Representantes exclusivos para Portugal
e Províncias Ultramarinas:

O. L. I. V. E. R. — Organização Lusitana de Importações, Vendas e Representações, Lda.

60-A a 60-C Alameda D. Afonso Henriques

End. Telegráfico: «Tracoliver»

L I S B O A

Telefones: 72 51 33 e 72 51 34

Snr. Lavrador

F a ç a a s s u a s c o n t a s !

Prefira como adubo azotado o

Nitro-Amoniacal C. U. F. Concentrado

com 26,5 % de Azoto

(Metade nítrico * Metade amoniacal)

pois é de todos os adubos azotados
aquele que resulta **MAIS BARATO.**

3455

Pode applicá-lo, quer à

SEMENTEIRA quer em COBERTURA



Companhia União Fabril

L I S B O A

R. do Comércio, 49



P O R T O

R. Sá da Bandeira, 84

DEPÓSITOS E REVENDADORES EM TODO O PAÍS

AGUIAR & MELLO, L.^{DA}

P. do Município, 13-1.^o
L I S B O A

Distribuidores dos produtos



e seus DEPOSITÁRIOS NO PAÍS

desejam um

FELIZ ANO-NOVO

À
LAVOURA PORTUGUESA

O MELHOR CAFÉ
É O DA

BRASILEIRA

61, Rua Sá da Bandeira, 91

Telefones, 27146, 27147 e 27148—PORTO

(Envia-se para toda a parte)

2854

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido. **DESINFECTANTE ZAP**
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ
Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para
os animais domésticos
Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam
Frasco pequeno . 12\$50 * Frasco grande . 50\$00
Vende-se em todas as farmácias, drograrias, aviários, etc.



DISTRIBUIDORES
GERAIS:

Vicente Ribeiro
& C.^a

R. dos Fanqueiros, 84, 1.^o, Df.^o
L I S B O A

2682

SEMENTES

VER, OUVIR E CALAR... NÃO!

Veja, ouça... mas diga a toda a gente o que são e o que valem as nossas sementes. Para semear já, recomendamos:

ALFACES—COUVES PENCA—COUVES TRONCHUDA—COUVE LOMBARDA—COUVE BRÓCULO—COUVES FLORES—REPOLHOS—CENOURAS—RABANETES—ESPINAFERES—ERVILHAS DE GRÃO E DE VAGEM—FAVAS—PINHÕES—TOJOS—GIESTAS—TREMOCOS—LUZERNA—TREVO ENCARNADO—TREVO SPADONI—TREVO BERSIM—TREVO DA PÉRSIA—EUCALIPTOS—LAWN-GRASS—RAY GRASS—ETC. ETC.

E TODAS AS VARIEDADES DE BETERRABAS PARA FORRAGENS

Se desejar semear e colher... prefira as sementes que, com todo o esculpulo, lhe fornecemos

A «SEMENTEIRA» de Alípio Dias & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 178 — Telef.: 27678 e 33715 — PORTO

Catálogo Ilustrado—Em distribuição grátis

1865





Adubos Orgânicos

(Guanos, Purgueiras e Correctivo)

Para todas as culturas. Particularmente apreciáveis na cultura da vinha e nas de regadio.

Adubos Químico- -Orgânicos

Para Cereais, Batata, Milho, Vinhas e Árvores de Fruto.

Fosfato Thomas

O adubo fosfatado ideal para os terrenos ácidos, que constituem 85% dos terrenos portugueses.

Nitrato da Noruega

Poderoso fertilizante, indispensável em todas as culturas.

Adubos Complexos Edison

(Ternape 12-24-8, Ternap 14-14-14 e Binário 25-10).

Adubos químicos granulados de elevadíssimo valor fertilizante.

Cuprifer

Desinfectante de sementes a seco.

Acridion

Desinfectante de celeiros e estábulos.

A-Mur

Raticida bioquímico de óptimos resultados.

Sementes de Forragens e outras

Bersim, tremocilha, luzerna, etc.

.....
IRPAL é marca de qualidade
.....

Dirigir pedidos e solicitar informações a:

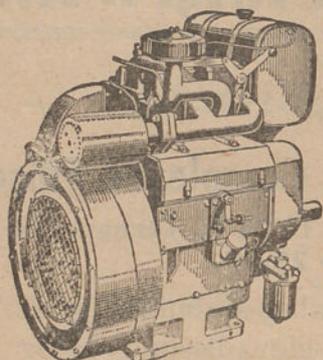
IRPAL

1970

Indústrias Reunidas de Produtos para a Agricultura (S. A. R. L.)

Travessa do Almada, 20-2.º-Esq. — LISBOA — Tel.: 31167/31168

Motores Diesel



RUSTON

OS MELHORES PARA ACCIONAMENTO DE
LAGARES DE AZEITE, MORGENS, DEBULHADORAS, BOMBAS, ETC.
REDUZIDO CONSUMO — ROBUSTOS — ARREFECIDOS
POR AR OU ÁGUA

FACILIDADES DE PAGAMENTO

HARKER, SUMNER & C.^a, L.^{da}

PORTO—38, R. de Ceuta, 48 14, L. do Corpo Santo, 18— LISBOA

3074

Os produtos da

UMUPRO

LYON—FRANÇA



HELICIDE GRANULÉ — Produto eficaz-
simo na extinção dos caracóis, à base de
metaldeído;

UMUCORTIL GRANULÉ — Para combate
aos ralos, à base de clordane;



são distribuidos em Portugal por

Ferreira, Rio & C.^o, L.^o

Rua do Almada, 329-1.^o—Telef. 23007—PORTO

3189

DINITRONE ÓLEO EUREKA

VINHAS sem MELA

e
FRUTEIRAS LIMPAS

só se consegue com

TRATAMENTOS de INVERNO

Em determinados casos será preferível
aplicar o

DINITRONE

e em outros o

ÓLEO EUREKA

Consultar sempre os nossos serviços técnicos

INSECTICIDAS ABECASSIS

SOLUVOL, LDA.

CAMPO GRANDE, 189—LISBOA

3599

Todos os produtos legal-
mente autorizados para
a indústria vinícola.

VINHOS

Material de Adega e
acessórios para
todas as aplicações.

Material de laboratório, reagentes e análises

TUDO PARA A VITI-VINICULTURA

Consultar sempre: **A. DUARTE** (Organização Técnica de Enologia)

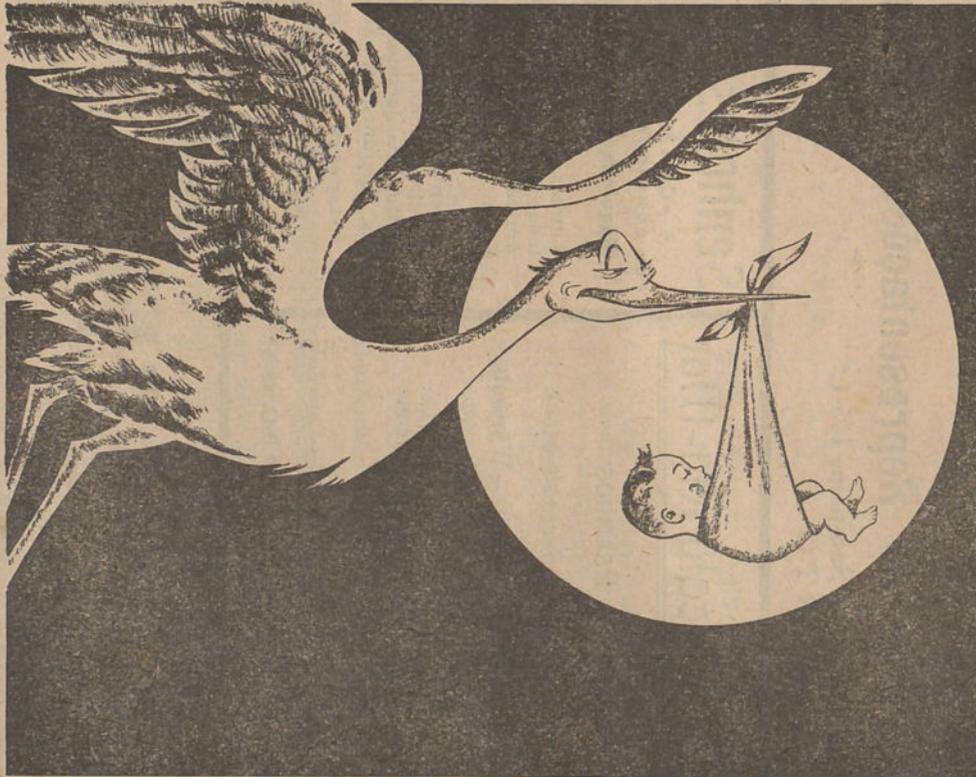
Rua do Arsenal, 84-2.^o Esq.

LISBOA — 2

Telefone, 366284

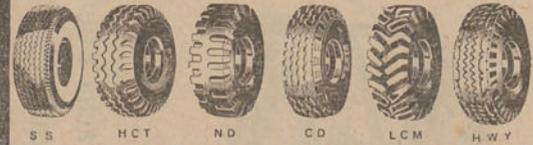
3593

TUDO O MAIS VEM SOBRE RODAS...

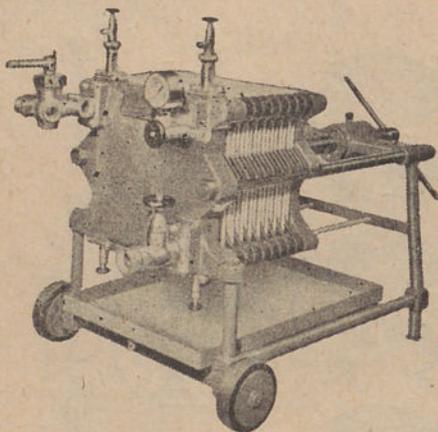


- Por isso, todos
nós muito devemos
à grande indústria
de TRANSPORTES!

Para todos os serviços



vão longe para fazer amigos



Ácidos Cítrico e Tartárico * Metabisulfito de Potássio * Taninos "DYEWOOD" * Solução Sulfurosa * Calgonit * Soda em Cristais * Sebos para Empostigar * Wino * Parafinas, etc.

Mustímetros * Glucómetros * Areómetros * Gluco-Enómetros * Termómetros * Acidímetros * Ebuliómetros * Vinómetros, etc.

Mangueiras de Borracha e de Plástico * Filtros * Bombas * Enchedores * Gaseificadores * Rolhadores * Tesouras para Poda.

3546

Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

Telefone, 28093
Teleg. Guipeimar

Granja Avícola Ria-Mar

Pintos e Patinhos

Raças de postura — Raças de carne

Leghorn Branca — New-Hampshire — White-Rock

Garrison (carne)

Khaki Campbell — Corredor Indiano

Peking (carne)

Costa Nova — AVEIRO — Telef. P.P.C. 23868

3624

Senhores Lavradores

A «CASA MALTA», fornece nas melhores condições:

Máquinas Agrícolas de todos os tipos

Adubos, Insecticidas e Fungicidas para todas as culturas e tratamentos, tais como: Acticupro, Ultraenxofre, Cobre Sandoz, Sulfato de Cobre inglês, Thiovit, etc., etc.

2697

Sementes para Horta, Jardim e Pastos, incluindo bolbos recebidos directamente da Holanda, Jacintos, Narcisos, Iris, Tulipas, Ranúnculos, Anémonas, etc., etc.

No interesse de V. Ex.ª, consulte sempre

Malta & C.ª Lda.

Rua Firmeza, 519 — PORTO — Telefone, 20315



SOGERE

Sociedade Geral de Representações Lda

PORTO — Rua Infante D. Henrique, 36-1.º, Esq.º — Tel. 24720
LISBOA — Avenida Guerra Junqueiro, 12-3.º, Dt.º — Tel. 725.728

Tratamento e conservação do

VINHO

PRODUTOS ENOLÓGICOS
MATERIAL DE LABORATÓRIO

541

ANÁLISES

Recomendamos para colagens a **Gelatina «SPA»**

* COSSONAY (SUIÇA) * OSLO * S. PAULO *

LONDRES * ANVERS * ARCISATE (ITÁLIA)

YARMOUT (CANADA) * VIENA * MADRID * ATENAS



3501

Um simbolo de confiança na ali-
mentação do gado e das aves.

PROVIMI-PORTUGUESA

Concentrados para Alimentação de Animais, L.^{da}

Rua do Machado, 47 - Carnide
LISBOA

Fabricantes-Concessionários em várias regiões do País

* CASABLANCA * ROTTERDAM * PARIS/CROIX *



3047

A BOMBA QUE LHE RESOLVE O ABASTECI-
MENTO DE ÁGUA NA SUA HABITAÇÃO

AGENTE GERAL PARA PORTUGAL E ULTRAMAR

J. L. DUARTE DE ALMEIDA

RUA S. MIGUEL, 61
PORTO-TEL. 26515

H. KLEIN, L.^{DA}

Sucessores da casa H. KLEIN — fundada em 1894

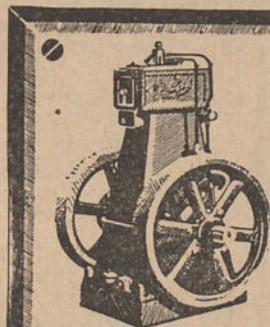
Produtos Enológicos — Taninos, gelatinas,
produtos especiais para o tratamento, melhora-
mento e clarificação de vinhos.

Derivados de Mosto de Uva do Douro—Mosto
esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

Carvões vegetais activos — Para Enologia,
Indústria açucareira, Indústria química.

Rua da Montanha, 177 — Vila Nova de Gaia
Telef. 390141 — Telegr. NIELK

1823



DESDE 3½ HP - 600 R.P.M.

MOTORES A ÓLEO

BAMFORD

DIESEL

O MELHOR
MOTOR INGLÊS
PARA A
AGRICULTURA
E PEQUENA
INDÚSTRIA

RESISTENTES
SIMPLES
FÁCEIS DE
MANEJAR
ECONÓMICOS
GARANTIDOS

JAYME DA COSTA, L.^{da}
14 - R. dos Correios - LISBOA
12 - P. da Batalha - PORTO

MECÂNICA E ELECTRICIDADE
EM TODAS AS APLICAÇÕES

1149

ácido tartárico italiano Montecatini

“antiga marca appula”



Vinicultores

peçam aos seus fornecedores esta antiga
e acreditada marca

MONTECATINI S. G. Milano Itália
adubos - insecticidas - fungicidas

todos os produtos químicos para agricultura e indústria

Agente

EMANUELE BARABINO

Rua da Prata, 93-2.º esq. - LISBOA

2925

SUMÁRIO

Novo Ano	1
Crónica — Prof. Mário de Azevedo Gomes	2
Paula Nogueira	6
A empresa agrícola do tipo familiar — Problema europeu — eng. agrónomo Armando Cândido Ferreira	7
Calendário do Lavrador	9
Pastos e forragens — eng. agrónomo Luis Bivar	12
Problemas de Viticultura — Características culturais dos porta-enxertos e factores determinantes da sua escolha. O caso português. — eng. agrónomo Alfredo Baptista	15
O espargo — legume de qualidade e preço — Valdemar Cordeiro	19
O arroz Setantuno — reg. agrícola José Farinha	22
Esclarecimentos sobre a legislação que regula a plantação de videiras — eng. agrónomo José Madeira Pinto Lobo	24
Preparo de rações para galinhas — médico veterinário Sérgio Pessoa	27
Salmonelas e Salmoneoses — médico veterinário José Carriho Chaves	28
Caça e Pesca — Pesca e Cinema — Almeida Coquet	30
Secção Feminina	31
SERVIÇO DE CONSULTAS	
— Agricultura	35
— Olivicultura	34
— Enologia	34
— Avicultura	35
— Direito rural	35
Informações	39
Intermediário dos lavradores	40

A NOSSA CAPA

Mostra-nos a gravura a elegante ponte da Trofa, lançada sobre o Ave cerca da povoação do mesmo nome, concelho de Santo Tirso.

Através de um dos seus arcos, divisa-se um trecho do rio e as suas ridentes margens.

ASSINATURAS

Ano	100\$00
Semestre	55\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro (excepto Espanha) — mais	50 %

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Júlio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

LUÍS GAMA

Engenheiro Civil de Obras Públicas e Minas (U. P.)

EDITOR **JOAQUIM A. DE CARVALHO**

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 — PORTO
Telegrams: GAZETA DAS ALDEIAS — PORTO * Telefones: 25651 e 25652

Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º — PORTO

NOVO ANO

COM a publicação deste número entra esta já velha *Gazeta* no sexagésimo quarto ano de existência. O seu primeiro número teve a data de 5 de Janeiro de 1896.

Terá atentado algum leitor — que ainda os há, que vêm daquela data — na soma de esforços, de inquietações, de desgostos e desalentos que têm custado os muitos e muitos milhares de páginas desta tão vetusta revista agrícola? Por certo não, porque o não pode avaliar quem desconhece esta labuta constante, a que assistimos desde início durante longos anos, e que vivemos e sustentamos há muitos mais.

Surgiu esta revista para satisfazer uma aspiração: espalhar, difundir por todos os recantos de Portugal — desde o torrão materno às plagas distantes do Oriente — ensinamentos úteis ao agrícola e defender os interesses dos que labutam no campo. Neste apostolado se tem mantido, sempre com a mesma fé, que de longe vem, sempre, inalteravelmente, com a mesma perseverança, que não admite desfalecimentos. E se não temos desfalecido na afanosa luta, é porque sempre encontramos a nosso lado devotados companheiros de trabalho, que grandemente nos têm querido ajudar a levar a termo obra planeada há bem mais de meio século e que nos temos esforçado por continuar.

Mas se essa valiosa e amiga cooperação impediu desfalecimentos, outra, e não menos valiosa, tem concorrido para que a *Gazeta* prossiga na orientação desde início marcada; essa cooperação é a que nos tem sido generosamente prestada pelos seus assinantes e amigos devotados.

Não podíamos, por isto, no dealbar de Novo Ano esquecer uns e outros. A todos — aos nossos Assinantes, Anunciantes, Amigos, Redactores e Colaboradores — a todos, repetimos, a velha *Gazeta* envia os mais sinceros votos de Paz, Ventura e Alegria neste 1960, que ora se inicia.



Crónica

Pelo Professor MÁRIO DE AZEVEDO GOMES

É manifesta a preocupação da parte de técnicos responsáveis para que se introduzam na exploração do património florestal português as regras do *ordenamento*. A colaboração dada a esta *Gazeta* pelo engenheiro silvicultor António Manuel de Azevedo Gomes é exemplo dessa preocupação pelo que respeita ao sector docente, concretizado na *Secção Florestal* do nosso Instituto Superior de Agronomia.

Agora surge-nos por parte da Direcção Geral dos Serviços Florestais, visando o mesmo fim em última análise, a actividade meritória do «Gabinete de Estudos Económicos e Estatísticos» sob a chefia do engenheiro silvicultor José Luís Calheiros e Meneses.

Reporto-me a um último trabalho redigido pelo eng. silv. Veloso Gaio, que tende a pôr frente a frente o *consumo* dos produtos lenhosos e a respectiva *produção previsível*, excluídos os aspectos do material lenhoso como combustível a partir dos montados de azinho e sobre, participação, aliás, que é evidentemente importante quanto à valorização daquele património.

Vem publicado o trabalho a que aludo nos «Estudos e Informação» que a Direcção Geral edita — número de Setembro —; como sempre, as publicações desta índole assumem carácter antes provisório e deles se recomenda ao leitor que se faça um uso moderado e reticente.

E, no caso sujeito, basta que se parte de informações estatísticas julgadas insuficientes; tudo quanto se pretende é dar ideia geral do andamento dum processo económico que se desenrola nos domínios da silvicultura e das indústrias e comércio à mesma ligados e, também, chamar a atenção para a indispensabilidade dos apuramentos desta índole, sem os quais o governo da economia, no sentido elementar de acertar o jogo da oferta e procura, é de todo impossível.

O que existe neste estudo, que vou comentar dentro do que é legítimo, a mais que em outros paralelos, é uma ideia suficientemente aproximada das actuais necessidades do mercado consumidor, quer interno; quer externo (através da exportação) para os produtos lenhosos analisados.

Foram estes agrupados, como é de uso, nas duas grandes categorias: *manufacturados* e *em bruto*, apondo-se em ambos os casos a designação *madeiras* — trata-se duma *estimativa do consumo global de madeiras em 1959* —, designação com a qual, em princípio, me permito estar em desacordo, visto que o termo *madeira* tem um

sentido de qualidade, e de especificação tecnológica, que não admite tratamento genérico. Mas, adiante... Com o bom auxílio do Grémio da Exportação de Madeiras, conseguiu-se organizar um quadro discriminativo no qual figuram todos os empregos: construção, travessas, embalagens, mobiliário, tonéis e barris, carroçarias, construção naval, fósforos, postes, celulose, esteios, aglomerados, combustível e, enfim, para as várias classes, diversos não especificados, empregos a que fazem frente o pinho, o eucalipto, o castanho e outros lenhos com participação modesta (choupo, amieiro, plátano, nogueira, etc.). O total calculado é de 5 milhões e 440 mil metros cúbicos com casca, isto é: tal como no local da produção.

É primeiramente interessante repartir este número global por três ordens de empregos: a *combustível* corresponderão 1.345 milhares de metros cúbicos, ou seja cerca de 43 o/o; aos restantes empregos em *bruto* (postes, toros para pasta de celulose, esteios, aglomerados), 815 milhares de metros cúbicos, ou seja cerca de 15 o/o; ao material lenhoso manufacturado, 2.280 milhares de metros cúbicos, ou seja os restantes 42 o/o.

Há, portanto, um ligeiro domínio quanto ao combustível (cerca de 83 o/o de lenha de pinho, cerca de 12 o/o de lenha de eucalipto), domínio que ficará nitidamente acentuado quando se lhe juntar tudo o que pertence à lenha e carvão provenientes dos montados e sua contribuição lenhosa. Quando se lêem, no plano internacional, comentários — que vão sendo cada vez mais frequentes — a respeito do grau de adiantamento dos vários países, é fácil descobrir a tendência para considerar (florestal e economicamente) menos progressivo ou evoluído o país cuja cota de consumo em combustível lenhoso (lenha, carvão ou derivados) é elevada, como entre nós. Não há que dar a este critério valor absoluto; e logo as estatísticas, apontando à cabeça o caso da Finlândia, o demonstram. País com a mais elevada percentagem de recobrimento florestal, francamente progressivo, mantém o combustível lenhoso com supremacia. É que tem naturalmente que ser assim, a querer dar-se destino útil aos subprodutos e resíduos da exploração florestal ali dominante. Também me parece que em Portugal, onde se caminha para uma cota de florestação cada vez mais elevada, que vários cálculos admitem que vá dos 40 até aos 50 o/o do território, não há que dar de mão, por sistema, ao combustível daquele tipo. E se no agro português, silvicultura incluída, não faltam infelizmente exemplos de atraso, quer quanto à distribuição cultural quer quanto ao respectivo rendimento, não creio, todavia, que seja aquele aspecto do consumo de molde a merecer mais prontos e maiores reparos.

O lenho de pinho é, a grande distância — como todos pressentem — o material abastecedor do mercado, com 4.250 milhares de metros cúbicos (cerca de 78 o/o); segue-se-lhe, com importância crescente, o eucalipto com 900.000 m³, cerca de 17 o/o. São de prever, já porque as plantações aumentam a olhos vistos, já porque eucaliptais novos não tardarão a dar corte, alterações na relatividade daqueles valores, a favor do lenho de eucalipto. São, aliás, os modernos empregos que prometem mais largo consumo, como seja o caso dos toros para pasta de celulose.

Como é sabido, está assente a montagem de duas grandes unidades fabris para emprego daquela matéria prima. Entretanto, ao mercado externo tem acudido,

para idêntico objectivo, porção apreciável deste material. No trabalho que estou utilizando assinala-se, para exemplo, que do consumo total de produtos lenhosos de 1958 houve uma subida, em 1959, de cerca de 200 mil metros cúbicos, precisamente em consequência de maiores gastos de matéria prima «toros de eucalipto para pasta». A estimativa de 1959 dá para esta rubrica 200 mil metros cúbicos, destinados ao consumo interno e 150 mil metros cúbicos levando o rumo da exportação.

Como já ouvi dizer que se admitia a intenção de dificultar esta corrente de comércio externo com o objectivo de assegurar, às novas fábricas, matéria prima abundante, não faz mal ir discorrendo sobre a hipótese no sentido da condenação duma tal medida. Seria, mais uma vez, entregar atado de pés e mãos o produtor ao transformador, o silvicultor ao industrial, quando tudo leva a supor que a superfície do eucaliptal (em constante acréscimo) que se diz orçar pelos 100.000 Ha, oferece garantias de abastecimento tanto ao mercado interno como ao mercado externo.

O actual contingente do pinho no comércio externo ligado à silvicultura não é, de nenhum modo, inferior ao que o eucalipto fornece, mau grado a satisfação de mais velhos usos, alguns destes em regressão nos países que negociam connosco. Só a representação no total exportado de «esteios de minas» terá montado a 185.000 m³ e a madeira trabalhada para vários empregos (mòrmente embalagem) montará a uns 200.000 m³ — não tenho, à mão, a especificação destas rubricas. Porém, a primeira delas — esteios — é de character contingente e em outras, como embalagens, podem prever-se substituições que venham enfraquecer o nosso contingente. Mais uma razão para que nos apeguemos a assegurar a saída dos produtos e matérias primas florestais cujo mercado é certo e isento de restrições.

Uma última referência, neste aspecto do consumo, pode ainda fazer-se ao fornecimento do artigo «travessas de caminho de ferro» sobre o qual se diz no trabalho — e já não é a primeira vez que surge o alarme — que estamos em risco de não ter dentro da própria casa a matéria prima suficiente. Isto é a natural consequência de certo desbarato havido durante os períodos de guerra e dos efeitos do ciclone de 1941, de serem jovens, na maioria, as massas do pinhal existente e ainda, talvez, do desconhecimento em que nos encontramos a respeito das possibilidades de certos povoamentos pertencendo a zonas menos exploradas.

À lista habitual de pinho, carvalho e eucalipto podia talvez acrescentar-se aqui, a título de experiência, a da *Acacia melanoxylon* (vulgar *Austrália*) cuja vegetação fácil, por vezes exuberante, pode constatar-se em certas regiões nortenhas.

Partindo o estudo, que ao de leve comento, desta estrutura de consumo pretende, depois, responder com ele — à falta de melhor — às características qualitativas e quantitativas da produção. Como se dissessemos: desde que ao mercado (interno e externo) acodem em qualidade e quantidade as matérias primas florestais da estimativa feita, evidente é que pelo menos a produção se lhes equilibra, nunca lhe podendo ficar inferior visto como não há crise no mercado consumidor. A este raciocínio soma-se outro: mais do que simples equilibrio, deve existir um excedente para a produção anual nos vários ramos em que esta se reparte, sem o que estaríamos, com a negação de todos os mandamentos explorativos, à beira de uma possível catástrofe; isto é: à beira de consumirmos o capital que constitui o nosso

património florestal em lugar de lhe utilizar tão somente o juro anual — que é o que um preceito basilar da economia florestal manda fazer.

Não é difícil a partir das áreas que se conhecem — e agora vão ficar perfeitamente definidas, finalmente, com o traçado das cartas, do sobreiro, do pinheiro, azinheira, etc. — não é difícil — dizia — admitir números unitários de produção lenhosa (m^3 por Ha) que, uma vez utilizados, fornecem produções totais por espécies de grandeza tal que se tornam, à primeira vista, tranquilizadoras quando confrontadas com os consumos que lhes dizem directamente respeito.

Eis um esquema (que deduzo do trabalho em causa):

Espécies de povoamento	Área 1.000 Ha	Material lenhoso produz. 1.000 m^3	Produção unitária m^3 /Ha	Consumo estimado	Excedentes	%
Pinhal	1.270	5.080	4	4.250	830	16
Eucaliptal	100	1.000	10	900	100	10
Souto	60	120	2	90	30	25
Carvalhal.	90	135	1.4	200	55	27
Diversos	80	120	1.5			

Admitamos, sem as discutir, como suficientes as percentagens assim previstas para os vários excedentes, frente ao respectivo consumo. E admitamos, também, como certas as superfícies totais donde se parte.

A discussão, se há que empregar a palavra perante estudo de carácter provisório, terá que recair, porém, no merecimento dos números representativos da produção lenhosa unitária. Limito-me a insistir naquele dos números que tem a importância máxima — o da produção de $4 m^3$ /Ha para o pinhal.

Não sei de estudos suficientemente extensos e bem ordenados que nos habilitem a tomar como bom aquele número; e receio que, como número médio, seja um tanto elevado. Nada nos garante, a ser assim, que certas zonas de pinhal, certas regiões do revestimento próprio, estejam a ser exploradas além da *possibilidade* — tomado o termo no seu próprio sentido da linguagem técnica do economista. Isto verificou-se quando do tempo da guerra se impuseram cortes de material lenhoso; isto é muito natural que continue a verificar-se em plena paz. Porque o ponto é este: falta de estudos sérios de *inventariação* para este aspecto do património, como para outros, e daí uma acumulação de hipóteses que podem brigar mais ou menos com a realidade.

De resto o « Gabinete de Estudos Económicos e Estatísticos », a que me reporto é o primeiro a sentir a falta e a recomendar para ela o mais pronto remédio.



Paula Nogueira

AS poucas linhas que seguem deviam ter sido publicadas um pouco antes de meados do ano prestes a findar; na verdade, referem-se ao centenário do nascimento do cidadão ilustre entre os que mais o foram, João Viegas de Paula Nogueira, nascimento ocorrido em Olhão aos 10 dias de Junho de 1859. É, no entanto, escrita esta breve nota quando menos de uma quinzena nos separa do dia de S. Silvestre; mas, quando possível, a todo o tempo é tempo, como costuma dizer-se, de fazer o que já se deveria ter feito...

Quem foi Paula Nogueira? Muitos leitores desta *Gazeta* o sabem, pois com ele contactaram por intermédio dos seus escritos — artigos doutrinários, artigos de divulgação e respostas a consultas — durante quase cinquenta anos — desde princípios de 1896 até ao findar de 1944.

De invulgar erudição, veterinário e agrónomo, embora o médico da vida animal primasse sobre o cientista da vida vegetal, Paula Nogueira jamais deixou de ter, durante toda a sua vida, a preocupação constante de concorrer, com o seu labor, para elevar e engrandecer a Lavoura a fim de que esta atingisse o nível a que tinha direito.

Em o número referente a 1 de Janeiro de 1945, na nota em que se noticiava o falecimento do Português Ilustre, escreveu-se:

«Alguém disse que a montanha só pode apreciar-se de longe; parece-nos a frase incompleta. Na verdade, a montanha só pode justamente apreciar-se de longe e por quem a saiba ou possa apreciar».

Não errou quem disse isto. Na verdade, se muito e muito se disse de Paula Nogueira quando do seu falecimento, bem mais foi dito agora, com inteira justiça, nas cerimónias comemorativas do centenário do seu nascimento levadas a efeito por iniciativa da Sociedade de Ciências Veterinárias.



PROF. PAULA NOGUEIRA

A EMPRESA AGRÍCOLA DO TIPO FAMILIAR — PROBLEMA EUROPEU

Novos conceitos com vista à criação de unidades economicamente viáveis

Pelo eng. agrônomo ARMANDO CÂNDIDO FERREIRA

AO. E. C. E., pela Agência Europeia de Produtividade, e no âmbito das suas tão relevantes actividades em prol dum mais elevado padrão da economia europeia, tem-se preocupado com um problema que nos nossos dias adquiriu a maior actualidade: o da reorganização das explorações agrícolas da Europa Ocidental por forma a que os Governos interessados procurem estimular a constituição do maior número possível de empresas economicamente viáveis do tipo familiar, quer promulgando legislação apropriada com essa finalidade, quer apoiando-se com substanciais auxílios financeiros e técnicos.

Hoje em dia, numa sociedade organizada em que o tecnicismo atinge o mais elevado expoente, e não vem para o caso discutir os benefícios ou malefícios de tal situação, as comunidades nacionais necessitam possuir, cada vez mais, além dum elevado apetrechamento profissional, estruturas adequadas à aplicação das técnicas mais rentáveis, com o fim de alcançarem maiores índices de produção económica e de valorização social. Só assim se tornará viável concorrer com êxito nos mercados internacionais para assegurar o escoamento da produção e permitir altos índices de vida às populações.

Este motivo levou a Agência Europeia de Produtividade a lançar uma campanha internacional de reorganização das estruturas agrárias com o fim de estudar as condições em que se poderia operar a formação do maior número possível de empresas obedecendo às condições anteriormente apontadas.

Com o referido objectivo, os trabalhos daquela Agência iniciaram-se em 1955 e logo em 1956 se reuniram em Wiesbaden

numerosos técnicos da Europa Ocidental para equacionarem e debaterem o problema.

Há aproximadamente um ano, foi organizado novo seminário internacional com a finalidade expressa de «assegurar a difusão dos ensinamentos mais recentes sobre os aspectos económicos e sociais da criação de unidades agrícolas economicamente viáveis».

É, precisamente, para dar conta aos leitores da *Gazeta das Aldeias* da forma como se encaram, actualmente, problemas desta natureza que vamos procurar, em dois ou três artigos, tentar descrever o que se realizou nesta matéria em alguns países participantes e as principais conclusões da referida reunião.

O interesse para o nosso País dos assuntos versados nas sessões de estudo do seminário de Zurique era evidenciado pelo facto de estar entre nós na ordem do dia o emparcelamento da propriedade rústica e, sobretudo, porque este último se encontra intimamente ligado à consolidação económica das empresas do tipo familiar,

Na verdade, a política de nova estruturação agrária posta em prática por vários países europeus filiados no O. E. C. E. serve-se das medidas de emparcelamento como das mais eficazes para atingir tal objectivo.

Como se calcula, o emparcelamento não é, porém, encarado como uma medida isolada mas uma parcela do conjunto de providências destinadas a corrigir a defeituosa estrutura agrária de determinada região e a melhorar o seu nível económico e social, por forma a tornar as empresas agrícolas que a constituem tanto quanto possível economicamente viáveis e tecnicamente evoluídas, assegurando,

assim, aos respectivos empresários e famílias maiores índices de vida.

Foi, porém, notório no seminário de Zurique, em que tive a honra de participar como um dos delegados de Portugal, a preocupação e o carinho que vem merecendo aos vários países da Europa Ocidental a nova reorganização agrícola com base na expansão e consolidação da empresa do tipo familiar. Pertence, porém, a um passado distante o conceito pelo qual esta empresa era encarada como uma unidade essencialmente consumidora, tendo como finalidade principal contribuir para a alimentação do agregado familiar, e dominada por uma técnica tradicional e rotineira com predominância do trabalho braçal. Dentro do referido conceito pretendia-se, sobretudo, na organização deste tipo de empresa, absorver na máxima totalidade o trabalho dos membros da família durante o ano e, assim, aumentando a receita do empresário, valorizar o dia de trabalho de cada indivíduo segundo o salário médio regional.

Aquela fase está ultrapassada, abrindo-se novas perspectivas para este tipo de empresa que se considera, presentemente, como uma unidade económica, convenientemente dimensionada, tecnicamente progressiva, essencialmente mecanizada e motorizada e integrada numa vasta organização de carácter cooperativo, especialmente destinada à transformação industrial dos produtos agrícolas e à sua comercialização. Pretende-se, portanto, evitar a sujeição da família rural a um nível de vida incapaz de satisfazer as mais legítimas aspirações do homem. O objectivo é aproximá-lo, pelo menos, das condições de existência dos operários industriais qualificados.

Dentro desta orientação torna-se anacrónica a preocupação de satisfazer, quase em exclusivo, as necessidades familiares de consumo próprio. O que interessa, fundamentalmente, é constituir pequenas unidades industriais agrícolas produzindo para o grande mercado, cultivando, portanto, os produtos que a aptidão das suas terras melhor poderá valorizar e geridas por chefes de família profissionalmente aptos.

Para isso, os países mais evoluídos da

Europa Ocidental acarinhos por todas as formas a constituição de empresas deste tipo, assegurando os respectivos Governos a sua viabilidade através de largas medidas de apoio à agricultura e reformando a própria estrutura fundiária.

Foi à volta destes conceitos que gravitaram as discussões técnicas tendentes a procurar alargar o caminho que diversas nações vêm, há muito, trilhando para o seu maior progresso económico e social e no qual, nós próprios, temos de nos integrar.

Quando os objectivos preconizados na reunião de Zurique se puderem plenamente atingir, e oxalá o sejam em breve, estou convencido que a empresa familiar que se pretende, agora, ressurgir das cinzas dum passado para alguns países felizmente já longínquo, constituirá, sem dúvida, um dos elos mais fortes da longa cadeia de tradições espirituais e morais que hão-de firmar a continuidade da civilização ocidental.

Os principais problemas abordados nas várias sessões do seminário de Zurique foram:

1 — Critérios utilizados para definir a «unidade agrícola economicamente viável e a família tipo».

2 — Critérios utilizados para definir o «rendimento satisfatório da família tipo».

3 — Métodos utilizados para a «criação das unidades agrícolas economicamente viáveis na agricultura».

Para apresentar os seus pontos de vista sobre cada um destes assuntos, e como que constituindo um intróito da discussão geral, foram convidados pela O. E. C. E. distintos técnicos da Alemanha Ocidental, Suíça e França, entre eles o Professor Bergman, que recentemente esteve entre nós como professor do Curso de Gestão da Empresa Agrícola, em boa hora organizado pelo Centro de Estudos de Economia Agrária da Fundação Gulbenkian.

Em próximo artigo trataremos, embora resumidamente, o que foram os critérios apresentados e quais as conclusões finais do seminário, após a discussão a que os mesmos foram submetidos nos diferentes grupos de trabalho constituídos e nas sessões plenárias.

Calendário do Lavrador

Não suponha o leitor que nas linhas que seguem vai encontrar novidades; não as há, porque a terra que hoje lavra é a mesma que os seus pares de há milênios cultivavam, e o Sol, que então fazia germinar as sementes e sazonar os frutos, é o mesmo que ora nos ilumina.

As práticas culturais, segundo as épocas, que hoje se aconselham — exceptuados, os progressos da ciência e da técnica — são as mesmas que aconselhava Plínio, o Velho, no primeiro século da nossa era e, cerca de duzentos anos depois, Columela, no seu, ainda agora admirável e admirado, De Re Rustica.

Mas a vida do agricola não decorre nos dias em que vivemos naquela tuta quies, exaltada pelo Mantuano; tem agora muito e muito mais a que atender, um ror de coisas de que cuidar. Nesta lida, que vai do nascer ao pôr do Sol e se estende pela noite adiante, um pormenor, uma pequenina coisa pode esquecer, arrastando, quando tal se dá, prejuizos, às vezes grandes.

Para que isto não suceda, e para que sirva de recordatória, mais uma vez se repete o calendário do lavrador.

Apresenta novidades? Não: diz essencialmente o mesmo que nestas páginas se escreveu durante mais de sessenta anos e que, possivelmente, passados outros sessenta, será repetido, porventura com brilho que ora não tem.

JANEIRO

Nos campos

Lavouras. Lavrar convenientemente as terras fortes e argilosas, destinadas às sementeiras de Primavera. É isto uma boa prática porque a lavra antecipada prepara o terreno para melhor produção.

Com estas lavouras preparatórias é conveniente incorporar os estrumes, de cuja preparação o lavrador não se terá esquecido. Ocioso é relembrar as estrumeiras ou nitreiras, a que estas páginas vezes sem conta se têm referido e cuja construção os serviços oficiais largamente têm facilitado.

Sementeiras. As sementeiras de trigo, centeio e cevada, devem ter sido feitas já. Mas os retardatários poderão ainda lan-

çar à terra aqueles cereais na primeira quinzena do mês. Nas regiões do Centro e Sul semeia-se ainda o azevém e a erva molar, estremes ou em misturada.

Podem ainda semear-se nabos e cenouras; e em terrenos mais ou menos abrigados, favas e ervilhas.

É como se fala de sementeiras, sobretudo de cereais, convém lembrar: o encharcamento, ou estagnamento de águas no terreno, que pode comprometer as culturas; igualmente é de ter em conta o aparecimento de ervas daninhas, ou ervas infestantes, que se combatem com a monda, especialmente a monda química, menos dispendiosa e normalmente de mais seguro efeito.

De lembrar é ainda o emprego de adubos em cobertura e o *rolamento* quando

o cereal principia a afilhar, prática esta, cuja eficácia, em muitos casos, está comprovada.

Plantação de batatas. A plantação destinada a obter batatas cedo para consumo imediato (*batatinha nova*, como se lhe chama, especialmente no Norte) já deve ter começado nas regiões mais temperadas, no Sul; principia no Norte a partir de meados de Janeiro. Os tubérculos provenientes desta plantação antecipada não servem para conservar; em compensação, atingem, nos mercados, preços compensadores.

Prados. É necessário prestar atenção aos prados, em especial aos temporários. Proceder à sua limpeza, se necessário, e à adubação apropriada sempre indispensável.

Nos vinhedos

O vinhateiro que, depois da apanha da uva e fabrico do vinho, deve ter tido uns dias menos afadigados, voltou já, em Novembro passado, à sua azáfama: abrir valas para novas plantações, se para isso estava habilitado, fazendo mesmo algumas plantações em terras secas.

Garfos para enxertia. Avisadamente terá procedido se tiver marcado nas suas vides os sarmentos ou varas que produziram melhores cachos, para agora, e com oportunidade, escolher os garfos destinados à enxertia. Mas se de tal se esqueceu, não está tudo perdido, pois ainda poderá fazer essa escolha.

Colhidos os garfos, deve juntar, em molhos ou feixes, os de cada casta, marcá-los com etiquetas que permitam, prontamente, identificá-los, e em seguida estratificar esses molhos em areia seca e guardá-los em lugar não húmido.

Além deste, de outros serviços há que cuidar neste mês:

Surribas. Fazem-se para novas plantações quando possíveis e economicamente aconselháveis.

Poda. Proceder à poda em regiões temperadas — nunca nos dias de frio intenso, especialmente nas regiões nortenhas; limpar as cepas com cuidado, evitando ferimentos e empregando os

utensílios apropriados a esta operação de limpeza.

Desinfectar com os remédios apropriados as cepas, atacadas por qualquer doença e em especial pela fumagina.

Adubar convenientemente, para que a planta produza mais e melhor uva, consequentemente melhor e mais valioso vinho. Não esquecer, também, outros amanhos que o vinhedo exige e sem os quais não produz tanto quanto poderia.

Empa. Como à poda se segue a empa, deve o viticultor cuidar, a tempo, de ter prontos a empregar os tutores necessários e o mais material preciso (vincilhos) para a armação.

Nos pomares

Ao delinear os serviços para este mês, no pomar, deve ter-se em conta a chuva e até a neve que, frequentemente, os embaraçam; há, porém, alguns que a intempérie não impede, como, por exemplo, a preparação de estacas ou tutores para as árvores é a preparação de estrumes e terriços.

As estacas devem ser lisas, descascadas, e receberem tratamento apropriado que impeça o apodrecimento da parte que entra na terra. Para este fim, além de outros mais, emprega-se o carbonilo ou o alcatrão a quente.

Poda. O período mais apropriado para podar as árvores de fruto é quando estas se encontram em repouso. Deixar este serviço para o despertar da seiva é contrariar a vegetação normal da planta, o que a prejudica.

Recordamos que é boa prática desinfectar os golpes da poda com uma solução de sulfato de ferro, ou ainda de sulfato de ferro e sulfato de cobre em partes iguais.

Combate às pragas. É este o período mais apropriado para defender as árvores de fruta das muitas e variadas pragas que as flagelam. É desnecessário apontar os meios que devem empregar-se, pois têm sido repetidamente indicados nestas páginas.

Nos olivais

Em um ou outro ponto ainda se colhe azeitona; fazer este trabalho com o devido cuidado, para não prejudicar a árvore. Nos dias de geada intensa, que são frequentes em algumas regiões, não efectuar a apanha.

Além disto, preparam-se as terras destinadas a viveiros de oliveiras; abrem-se covas para a plantação de novas árvores, que tenha de fazer-se na próxima Primavera.

Podas. Depois do meado do mês inicia-se a poda e limpeza das oliveiras, operações que devem ser entregues a pessoal competente e que hoje não é difícil encontrar, graças aos cursos de podadores que de ano para ano se multiplicam.

Lavouras e adubações. Relembra-se ainda as lavouras fundas, que permitem melhor infiltração de água nos terrenos e, ao mesmo tempo, facilitam a incorporação de adubos tanto orgânicos como químicos, estes criteriosamente escolhidos.

Nas hortas

O principal trabalho neste mês, nas hortas, consiste em preparar o terreno para as plantações a efectuar e para as sementeiras de Primavera. Faz-se, no entanto, a transplantação de hortaliças semeadas nos últimos meses do ano findo e ainda a plantação de alhos e espargos.

Nos jardins

A pouco se reduzem os trabalhos nos jardins: preparo de terriços, arranque de tubérculos de dâlias, poda de roseiras e

arbustos, que desta operação necessitem, e limpeza de canteiros e arruamentos.

Nas matas

Época dos cortes. É neste período, salvo raras excepções, que se deve proceder ao corte das árvores, visto os lenhos terem diminuta reserva de água. Os cortes efectuados durante o período de ascensão da seiva devem ser prescritos principalmente se as árvores forem destinadas a madeiramento e tabuame. A madeira resultante de árvores abatidas neste período fende e empena com facilidade, em virtude da contracção dos tecidos pela perda de água; enegrece e é facilmente atacada pelos insectos lenhívoros.

Nas adegas

Cuidar, mas atentamente, da limpeza geral da adega. Basta lembrar que se uma vasilha ressuma algum vinho, pouco que seja, constitui perigo iminente para toda a adega, pois esse vinho, azedando, pode comprometer a sanidade de todos os outros vinhos.

Cuidar ainda, e também atentamente, dos atestos, que devem ser feitos com vinho perfeitamente são.

Trasfegar os vinhos brancos, que não tenham sofrido esta operação no mês anterior.

Se algum vinho se apresenta alterado, ainda que levemente, procurar de pronto conhecer a causa do mal para o submeter a tratamento apropriado. Os tratamentos feitos a tempo e no início do mal, sempre ou quase sempre dão resultado; o inverso se dá quando sejam aplicados tardiamente.

Pode já engarrafar-se, nos dias serenos, o vinho que se considere pronto para engarrafamento.



PASTOS E FORRAGENS

Pelo eng. agrónomo LUÍS BIVAR

Erva molar

PERTENCE ao género *Holcus* e, por ser muito peluda, foi-lhe dado o nome de *Holcus lanatus*, que é como quem diz *Holcus lanuzado*.

Essa qualidade de ser peluda torna-a pouco recomendada, e hoje está quase posta de parte em muitos paízes; no entanto, não quero deixar de a descrever, e vou fazê-lo com toda a imparcialidade.

É muito conveniente não a confundir com o *Holcus molis*, outra planta do mesmo género, muito pequena, que não tem valor algum.

A erva molar é vivaz, podendo manter-se no terreno bastante tempo. Mas é sobretudo como cultura anual que a encontramos no Minho, em substituição do azevém, visto poder-se limar.

Semeia-se muito no norte do País, embora esteja longe de atingir a importância dos azevéns, que, até agora, ainda não foram batidos por nenhuma forragem nos nossos bons prados de lima.

Encontra-se em cultura estreme em diversos concelhos, tais como Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, Vila Verde e outros. Mas como aparece mais é consociada com o azevém, dando-se à mistura o nome de *erva traçada* ou *erva cardada*.

A mistura umas vezes é propositada mas, muitas outras, é obra do acaso. Como se disse no artigo anterior (Gazeta das Aldeias n.º 2408), a erva molar é invasora, aparecendo nos campos de azevém por mais cuidado que haja; e, como ambas as plantas amadurecem ao mesmo tempo, há sempre a mistura, em maior ou menor escala.

Tendo feito uma experiência, cheguei

à conclusão de que é impossível separar as duas sementes pelo processo usual, isto é, com o crivo normal. Disse-me um colega, que se dedica ao estudo das forragens, que deve ser fácil fazer a operação mecânicamente; oxalá que ele tenha razão. O Minho pode vir a ser um bom produtor de semente de azevéns mas precisará de máquinas que lhe resolvam o problema da limpeza, separando a erva molar.

Julgo que os únicos processos caseiros de limpar o azevém consistem em arrancar a erva molar, ou então separá-la depois da ceifa, antes da debulha. A necessidade obriga-me a empregar ambos, mas confesso que não são práticos nem económicos.

A erva molar tem, a meu ver, apenas duas boas qualidades a considerar.

Uma é a sua rusticidade, a sua adaptabilidade a prados de altitude, com terras fracas, falta de água e frios inclementes. Nestas condições poucas são as boas forragens que resistem, e ela faz um figurão entre a *arraia miúda*, isto é, o *Plantago lanceolata* (língua de ovelha), os *Agrostis*, a *Achillea millefolium* e outras que tais, de que a seu tempo falarei.

A outra é a sua adaptabilidade às terras encharcadas. Mas, francamente, acho que é um desleixo inqualificável não drenar essas terras, que, em geral, se transformariam em belíssimos campos para cereais, onde haveria possibilidade de cultivar forragens superiores à erva molar.

Tratemos pois de a pôr de parte desde que os azevéns ou o raigrás se adaptem aos terrenos a semear; e tolerêmo-la misturada com a erva castelhana desde que não seja em quantidade excessiva.

As leguminosas

Infelizmente, no Minho tem-se ligado muito pouca importância às forragens desta família, das quais grande parte dos agricultores apenas conhece a serradela. Raros são os concelhos onde se cultiva o trevo encarnado em quantidade apreciável; e os campos de trevo branco e violeta, que aparecem de longe a longe,



Erva molar. *Holcus Lanatus*

são quase todos obra das campanhas da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas.

Pena é que a expansão das leguminosas se faça tão lentamente. Como se sabe, elas são insubstituíveis por causa do azote que extraem do ar; esse azote, além de fertilizar as terras *de graça*, vai entrar na composição de certas substâncias muito nutritivas (proteínas), que se encontram em quantidades muito menores nas outras

plantas forraginosas. As leguminosas são bastante ricas em cálcio e fósforo, o que é muito importante para a alimentação dos gados.

Começarei por descrever uma das plantas mais modestas da família, mas que, apesar disso, não deixa de ter a sua importância.

Serradela

Esta forragem é originária de Portugal, e, no Minho, encontra-se muito espalhada, quer na forma cultivada quer nas formas espontâneas, de pouco interesse.

É uma planta anual, de raiz apumada. Do seu colo partem numerosas hastes que, na altura dos cortes, formam uma massa de forragem, muito compacta, cujo peso surpreenderá quem a conhecer mal.

O gado bovino come-a com agrado, podendo consumi-la em verde ou fenada; também pode ser pastada, rebentando com facilidade.

É uma forragem de grande adaptabilidade, muito sóbria e rústica, vegetando bem nos solos ácidos, quer sejam secos quer húmidos, onde pode servir também para adubação verde.

É preciso muito cuidado com a escolha da semente, que deve ser amarelada; se for escura, tem mais de um ano e não germinará bem.

A sementeira faz-se, em geral, como a do azevém, isto é, entre o milho, em Agosto ou Setembro, devendo a terra, em seguida, levar uma ligeira sacha.

As produções variam bastante de ano para ano e, como é lógico, também conforme os terrenos. Nas terras fracas, em geral, dá apenas um bom corte, em Maio. Mas se se semear em terras medianamente férteis e se o ano correr de feição, dará um corte fraco ou razoável antes das geadas e um ou mesmo dois bons cortes na Primavera.

Se se pretender colher semente, é preciso escolher com cuidado a melhor altura para o corte, porque a maturação é escalonada; a colheita deverá ser feita quando a maior parte das vagens tenha a semente vingada, não podendo haver a preocupação de aproveitar tudo.

Embora a serradela tenha o inconveniente de crescer com lentidão, ela é de

grande utilidade no Minho; é a forragem mais indicada para as terras pobres e secas, onde o trevo encarnado não vai bem.

Atribui-se-lhe correntemente o malefício de esgotar as terras. E, como tantas vezes acontece, há aqui uma confusão, que procurarei esclarecer.

Como disse, a serradela é uma planta muito pouco exigente; e o lavrador, sabendo isso, atira com ela para as terras mais fracas, onde as adubações deixam muito a desejar.

A pobrezinha, embora esteja em condições de se *autoabastecer* de azoto, visto que, sendo uma leguminosa, consegue captá-lo do ar através das suas raízes, precisa dos outros elementos nutritivos, principalmente o fósforo e o potássio, como todas as plantas; se lhos não derem, terá de os ir buscar às fracas disponibilidades da terra, desfalcando-a.

Mas ainda há pior. O terreno, que estava muito pobre em matéria orgânica, (visto que os estrumes vão quase todos para as terras melhores) só teria a lucrar com a serradela se esta fosse enterrada na altura própria; embora continuasse com fome de potássio e fósforo, ao menos,

com a adubação verde, receberia o azote e a matéria orgânica da leguminosa.

Porém tal não acontece. O lavrador, se semeou a serradela, foi para a dar ao gado. E assim, esta planta, em vez de beneficiar a terra, pode, pelo contrário, prejudicá-la, não porque seja má mas sim pelo mau uso que dela se faz.

Há pois que arripiar caminho, tendo sempre bem presente que não podemos fazer milagres.

As terras, para produzirem, precisam do humus, que é obtido à custa da matéria orgânica, e de outros elementos nutritivos que lhe podem ser fornecidos também pela matéria orgânica ou pelos chamados adubos químicos. Se lhe não satisfizemos estas necessidades e, sobretudo, se substituímos totalmente ou em grande parte os estrumes pelos adubos químicos, as terras vão enfraquecendo. E se, como no caso apontado, além de se lhes não dar nada ainda se lhes tirar do muito pouco que ainda conservam, é evidente que caminhamos de mal para pior.

No próximo artigo continuaremos com as leguminosas, descrevendo os trevos.



PROBLEMAS DE VITICULTURA

Características culturais dos porta-enxertos e factores determinantes da sua escolha. O caso português

Pelo eng. agrónomo
ALFREDO BAPTISTA

(Continuação do n.º 2412 pág. 904)

C — Características químicas do solo

Além das propriedades físicas, os solos são caracterizados por um conjunto de propriedades químicas, à custa das quais as plantas confeccionam os seus alimentos, isto é, elementos nutritivos em estado assimilável necessários ao seu desenvolvimento.

Sobre esses elementos, variáveis de solo para solo e preenchidos, na sua falta, por adubações adequadas, das reacções que a sua falta ou excesso podem provocar no equilíbrio nutritivo das videiras ou no aparecimento de transtornos fisiológicos, iremos dizer algumas palavras.

1 — ELEMENTOS NUTRITIVOS

Os elementos fundamentais, normalmente necessários a todas as culturas, são o azoto, o fósforo e o potássio.

De necessidade ainda relativamente elevada para as plantas, seguem-se o cálcio, o enxofre, o magnésio e o ferro, considerados elementos secundários e que, tal como os fundamentais, podem também fazer parte dos adubos simples e compostos.

Finalmente, existem outros elementos que são também necessários às plantas mas apenas em quantidades mínimas (oligoelementos) e cuja ausência ou excesso pode provocar-lhes alterações fisiológicas



e má qualidade dos produtos obtidos. Estão neste caso o boro, o cobre, o zinco e o manganésio.

A deficiência de alguns destes elementos pode ter um carácter absoluto ou relativo, isto é, pode depender directamente da escassez dum determinado elemento ou pode ser uma escassez aparente provocada pelo excesso de algum outro elemento, como acontece no caso do ferro cuja absorção é dificultada ou impedida, por estar insolubilizado pela elevada alcalinidade do terreno.

Não basta, porém, que um solo seja rico em elementos nutritivos — torna-se necessário que esses elementos estejam em estado assimilável e em proporções equilibradas, sem o que não desempenharão o papel que lhes cabe.

Assim, o granito e o xisto, embora formem terras geralmente pobres em ácido fosfórico, cal e azoto, são, em contra-partida, ricos em potassa. No entanto, na generalidade dos casos, esta potassa não se encontra em estado assimilável pelas plantas, o que implica a necessidade de recorrermos ao emprego de adubos contendo potassa.

O azoto é, sem dúvida o elemento que desempenha maior papel no crescimento das plantas e, conforme a sua riqueza, as terras podem agrupar-se na seguinte classificação:

Terras pobres, menos de	1 o/o de azoto
Terras médias, de	1 a 1,5 o/o de azoto
Terras ricas, mais de . .	1,5 o/o de azoto

O azoto não é, como os outros elementos nutritivos, proveniente da desagregação e decomposição das rochas que formam o solo, mas, sim, da vegetação e dos microorganismos animais e vegetais que nele vivem. Constitui a chamada matéria orgânica, o humus, que é a que tem maior influência na produtividade e fertilidade, que garante a vida às actividades biológicas do solo. Para ter uma ideia do papel que exercem os microorganismos, basta dizer que num grama de solo da superfície existem milhões destes seres (bactérias e fungos, especialmente os primeiros), traduzindo-se a sua ausência em esterilidade do solo. Os microorganismos atacam os materiais orgânicos, alterando-os, decompondo-os, predominando os fungos sobre as bactérias nos meios ácidos e as bactérias sobre os fungos em meios neutros ou ligeiramente alcalinos, ricos especialmente em calcáreo e fósforo.

Os restantes elementos nutritivos são exclusivamente provenientes das rochas que formam o solo, e, entre eles, o fósforo e o potássio são os que mais poderosamente concorrem para a produção e qualidade dos frutos. O fósforo tem um grande consumo pelas plantas e o potás-

sio crê-se que actua ainda como estabilizador de fósforo e azoto — quando em equilíbrio com estes dois elementos, uma quantidade adequada de potássio produz plantas saudáveis, aumentando a sua resistência às doenças.

Dos elementos mínimos (oligoelementos), o boro, por exemplo, tem um importantíssimo papel na vida das videiras, a tal ponto que se apurou ser a sua carência a causa responsável pela doença, propriamente um transtorno fisiológico, denominado «Maromba», que há muito vinha atacando com intensidade crescente as vinhas da Região do Douro. Isto pode levar-nos a deduzir que o aparecimento de algumas doenças das plantas tem a sua causa na carência de elementos nutritivos, desde os fundamentais aos mínimos, ou seja, que, independentemente da defesa sanitária das plantas, torna-se necessário criar-lhes condições suficientemente aptas para o seu normal desenvolvimento.

2.— REACÇÃO QUÍMICA DO SOLO. ACIDEZ E CALAGEM

A maioria dos lavradores portugueses desconhecem a reacção dos seus solos e o valor que a mesma representa.

Esta reacção é traduzida tècnicamente em valores de pH, segundo uma escala de classificação que a partir da neutralidade (pH7) nos dá, para um e outro lado, os valores da acidez e da alcalinidade dos solos (como já citámos anteriormente ao falarmos da escala de Jussiaux). Torna-se, pois, da maior conveniência calcularmos previamente o valor do pH do solo que vamos destinar à instalação dos vinhedos, a fim de sabermos se este vai encontrar a reacção mais ou menos ideal ao seu perfeito desenvolvimento ou, caso contrário, cuidarmos da sua correcção. Tratando-se da acidez, sabe-se que esta é, em regra, proveniente da falta de elementos básicos no humus e na argila, tais como o cálcio, potássio, alumínio e sódio, que funcionam como neutralizantes.

Não resta dúvida que a acidez excessiva do solo representa um obstáculo ao desenvolvimento das plantas, principalmente na primeira fase do seu desenvolvimento, pela acção desfavorável que

exerce sobre a actividade microbiana e mineralização dos resíduos orgânicos.

Para avaliarmos da intensidade da acidez dada pelos valores de pH, convém saber que estes exprimem relações geométricas. Assim, um solo de pH 4 é 10 vezes mais ácido que outro de pH 5 e 100 vezes mais que um outro de pH 6.

O óptimo de acidez para a maioria das plantas cultivadas anda à volta da neutralidade: pH 6,5 a pH 7. Isto não quer dizer, no entanto, que as plantas não suportem variações em relação ao seu pH óptimo. O trigo, por exemplo, suporta valores de pH que vão de 4 a 8, embora o valor óptimo esteja compreendido entre 6 e 7,5.

A existência de grande acidez torna os solos deficitários em fósforo. Os adubos fosfatados, por exemplo, são prejudicados na sua assimilação, porquanto o fósforo combinando-se com o ferro solúvel das terras ácidas forma fosfatos de ferro relativamente insolúveis para poderem ser assimilados pelas plantas.

A argila é ácida e, conseqüentemente, os solos excessivamente argilosos também o são, o mesmo acontecendo aos solos desenvolvidos em condições húmidas.

Numa terra esgotada de humus e desprovida de cal, estado em que infelizmente se encontra grande parte dos nossos terrenos cultivados, pode afirmar-se sem receio que a acção dos adubos químicos é necessariamente limitada ou, por vezes, nula.

O cálcio é indispensável não só às bactérias que decompõem a matéria orgânica mas também a todas as outras que trabalham no solo.

A maioria das culturas, incluindo a videira, agradece a calagem das terras ácidas que vão ocupar, isto é, a incorporação de cálcio.

Com efeito, verificou-se que todos os elementos nutritivos, com excepção do ferro e de magnésio, são mais assimiláveis para valores de pH mais próximo da neutralidade. A calagem melhora, por isso, as condições de nutrição azotada e potássica das plantas.

A operação da calagem depende do conhecimento do pH e da textura do solo, estando assente que a correcção da aci-

dez não deve ultrapassar a zona da quase neutralidade (pH 6,5 a pH 7), estado a que todos os híbridos porta-enxertos são adaptáveis.

Para se apreciar a influência que as várias texturas de solo exercem na correcção da acidez, basta citar o seguinte exemplo, relativo à influência de 1 tonelada de cal em cada um dos três tipos de solo:

Antes da calagem	Depois da calagem
Solo arenoso pH 5	6,5
Solo franco pH 5	6
Solo argiloso pH 5	5,5

Por aqui verifica-se que, para o mesmo valor de pH e mesma quantidade de cal, o efeito desta foi mais sensível no solo arenoso.

Conclui-se, pois, que quanto mais argilosos são os solos mais necessitam de cálcio para atingirem a neutralidade desejada.

Há, portanto, a necessidade absoluta de conhecer-se a reacção e a textura do solo que se vai destinar ao vinhedo antes de se pensar em fazer qualquer calagem e, com esta, a plantação ou escolha dos barbados.

A acção do cálcio nos solos argilosos não se limita, como já dissemos, a modificar a sua acidez — dá também origem a uma melhoria das condições físicas, isto é, à formação de partículas mais soltas, proporcionando um melhor arejamento, uma melhor infiltração das águas e uma maior facilidade para os amanhos da terra. Além disso, quando a argila está saturada de cálcio, é mais difícil o seu arrastamento pelas águas das chuvas, o que tem enorme importância no combate à erosão.

Note-se, a título de esclarecimento, que o cálcio não é o único elemento coagulante da argila. Com efeito, outros elementos, tais como o potássio, o magnésio, o alumínio e o sódio, exercem a mesma acção.

Todavia, o cálcio tem uma acção mais vasta, pois, além da sua acção directa,

contribui indirectamente para a actividade dos microorganismos do solo e activa notavelmente a decomposição da matéria orgânica nele existente, pelo que se torna conveniente a estrumação para mantê-lo fértil, especialmente nos solos calcáreos.

O cálcio, é, pois, um elemento activo que desempenha a dupla função de correctivo e fertilizante, podendo afirmar-se que sem cálcio não há matéria orgânica, tal é a sua enorme importância.

No entanto, mais uma vez frisamos, a calagem não deve fazer-se de qualquer modo, mas sim sob a orientação dum técnico agrário, porquanto pode provocar desequilíbrios de nutrição prejudiciais à vinha. Assim, por exemplo, uma calagem excessiva pode tornar menos assimiláveis certos elementos nutritivos, tais como o boro, o cobre e o manganésio, provocando graves transtornos fisiológicos na vida das videiras ou mesmo a própria morte.

Isto leva-nos a aconselhar que, por prudência, as calagens nunca devem ser feitas duma só vez, mas sim distribuídas suavemente por vários anos até se obter o efeito desejado e, conseqüentemente, com seguro beneficio para o desenvolvimento das videiras.

3 — CALCÁREO E CLOROSE

Até serem obtidos os híbridos com sangue de Berlandieri, era frequente a doença denominada *clorose calcárea*, resultante da falta de resistência dos híbridos plantados em terrenos calcáreos. A insuficiência desta resistência ou, o que vem a dar no mesmo, o excesso de alcalinidade dos solos com valores de pH elevados, provocava uma deficiência ou total inibição da assimilação do ferro e, conseqüentemente, uma falta de formação do pigmento verde das folhas das videiras, acompanhada das perturbações inerentes a esta anormalidade fisiológica.

Foi preciso criar uma série de cavalos resistentes a doses elevadas de calcáreo para que se pudesse encarar com segurança a replantação dos solos calcáreos.

Criados os híbridos de Berlandieri, especialmente indicados para estes terre-

nos, pareceria que o problema se acharia, desde logo, seguramente resolvido. E, no entanto, tal não aconteceu.

Com efeito, verificou-se que certos híbridos de Berlandieri, menos resistentes, eram atacados de clorose calcárea em terrenos cuja percentagem de calcáreo total era muito inferior à dos outros onde os mesmos híbridos não manifestavam tal sintoma.

Descobriu-se, então, que isto era devido ao facto de que à mesma percentagem de calcáreo total — calculada pelo tradicional calcimetro de Bernard — nem sempre correspondia a mesma alcalinidade, isto é, a mesma dose de calcáreo activo. A origem desta disparidade estava em que para a dosagem do calcáreo total contribuíam não só os outros carbonatos, como, por exemplo, o carbonato de magnésio que não tem acção clorosante, antes pelo contrário a atenua, mas também o estado de divisão em que se encontravam as partículas do carbonato de cálcio (calcáreo).

Com efeito, quanto mais finas forem estas partículas tanto mais activa ou nociva será a sua acção. Daqui se explica o motivo de haver terras calcáreas em que o calcáreo, formado de elementos grosseiros, dá valores de alcalinidade mais baixos do que nas terras de aluvião, onde ele se encontra em partículas finas, mais nocivas.

Daqui a divergência dos vários autores ao atribuírem percentagens de calcáreo total aos vários porta-enxertos cultivados.

Drouineau, em 1942, conseguiu finalmente obter um processo de calcular o verdadeiro poder clorosante do solo, processo este que foi aperfeiçoado e posto em prática por Galet, em 1950, e que ficou conhecido sob o nome de método de Drouineau-Galet.

Graças a este método, verificou-se, por exemplo, que enquanto as terras calcáreas do jurássico acusavam uma percentagem de 97,6 o/o de calcáreo total pelo tradicional método de Bernard, a respectiva percentagem de calcáreo activo limitava-se apenas a 17,5 o/o segundo o método de Drouineau-Galet.

(Continua)

O espargo — legume de qualidade e preço

Resposta à consulta do senhor
assinante n.º 43.674 — Braga.

PERGUNTA

Tencionando plantar aqui uma pequena espargueira, gostaria que me informasse qual a melhor época para o fazer e qual a melhor qualidade de terreno, visto que na minha propriedade tenho terreno seco e terreno mais pesado, embora a natureza do primeiro seja bastante fraca, ao passo que a do segundo é boa a avaliar pela qualidade dos frutos que nele se colhem.

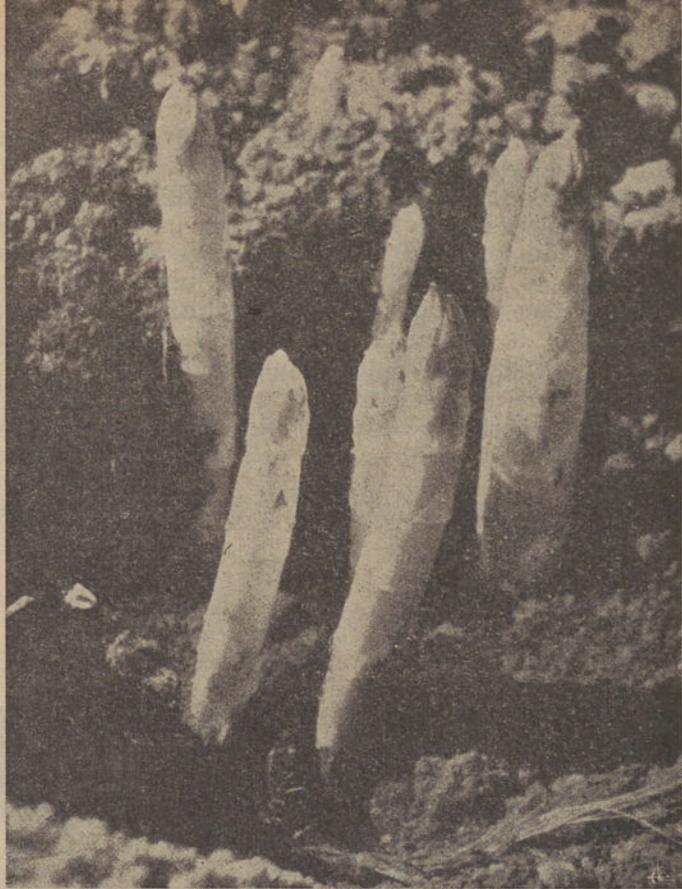
Como desejava que a produção não fosse muito lenta, ou seja, que não demorasse muitos anos a colher os espargos, pedia também me fosse indicada a melhor forma de fazer a plantação.

Ignoro se de uma espargueira antiga se podem tirar reproduções ou se apenas temos de recorrer a semente ou a espargos novos que aparecem no mercado com um ou dois anos de cultivo.

Caso conheça alguma publicação que possa elucidar-me era favor também dizer-me o nome dela.

RESPOSTA

Não é de hoje o interesse da nossa Lavoura pelas culturas de alto rendimento — bem justificado pela circunstância das culturas tradicionais cada vez merecerem menos tal qualificativo. Fruta, uvas de mesa, lúpulo, criação de aves ou de animais de peles, tudo se apresenta (pelo menos à primeira vista...) de elevado interesse. Mas, infelizmente, todas as culturas ou criações de alta rentabilidade oferecem não pequenas dificuldades, exigindo um conhecimento exacto de muitos pormenores técnicos, na ignorância dos quais o lavrador se vê compelido a voltar aos seus velhos conhecidos — batata, cereais, vinho — e pouco mais...



Plantação de espargos (o amontoamento só se faz no 2.º ano de plantação)

Cabe hoje a vez ao espargo. Trata-se de legume delicado e saboroso, escassamente cultivado e explorado entre nós. É uma cultura exigente mas rústica, suportando Invernos rigorosos e calores prolongados, adaptando-se aos mais variados terrenos, contanto que não sejam excessivamente ácidos ou húmidos.

No aspecto comercial, o espargo, além de que não tenha ainda entrado na culinária nacional, tem já uma larga procura entre nós, estando a oferta abaixo da procura, factor este determinante das cotações que vem mantendo. Além disso, cultivando esta hortaliça em larga escala, poderíamos exportá-la para os tradicionais centros importadores de Londres e Hamburgo. É tudo uma questão, supomos, de nos anteciparmos na colheita, colocando-a nessas cidades em Março ou Abril, muito antes de surgirem as produções locais.

Mas voltemos à sua cultura e deixemos o aspecto comercial para quem de direito.

Os espargos são exigentes em fertilização, condição indispensável para a abundância das colheitas e boa qualidade dos produtos. Efectivamente, além de uma estrumeação forte e adubação, a preceder a plantação, necessita posteriormente de continuadas encorporações de fertilizantes, a fim de garantir a duração e obtenção contínua de colheitas remuneradoras.

Na nossa espargueira temos usado com bons resultados a seguinte fórmula de fertilização:

Estrume	1.000 kgs por 100 m ² de vala
Calcáreo moído .	40 » » » » » »
Fosfato Thomás .	8 » » » » » »
Cianam. cálcica .	5 » » » » » »
Clor. de potássio	8 » » » » » »

A colheita faz-se com ferramentas apropriadas



Aconselhamos nas regiões ácidas adubações alcalinas ricas em cal, uma vez que se trata de uma planta calcícola (ávida de cal); daí a necessidade de elevarmos o teor em cal do solo utilizado, o que em última análise contribui no caso de terras argilosas, para as aligeirar, com marcada vantagem para a cultura. Em Argenteuil, região francesa célebre pela extensão das suas espargueiras e pela alta qualidade da sua produção, são preferidos os solos marcadamente calcáreos, factores determinantes duma e outra das características. Assim e uma vez que as nossas terras (e é certamente o caso do nosso consulente) primam pela falta de cal, é indispensável recorrer à indispensável correcção, por meio de adições maciças de cal ou de calcáreo moído.

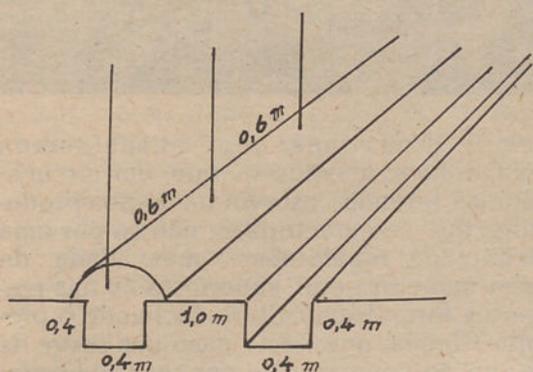
A adubação preconizada (que tem aliás que ser ainda completada por frequentes e generosas fertilizações de cobertura) pode à primeira vista parecer exagerada; mas não podemos esquecer que a espargueira é instalada para durar, na pior das hipóteses, uma dezena de anos — e que durante esse longo periodo não poderão voltar a fazer-se adubações de fundo — que são as únicas que interessam para o caso de elementos de baixa mobilidade, como o fósforo e o potássio.

Como variedades aconselha-se a Martha Washington e a d'Argenteuil (precoce), uma e outra de finas qualidades. Além das apontadas, podemos mencionar outras e de reputação, caso da Connovers, Colossal, de Erfurt, Violeta d'Argenteuil, Palmeto, Aranjuez, etc. Todas estas variedades se dão bem entre nós e são de óptimo interesse cultural.

Utilizam-se na plantação tufo ou «garras» de dois anos, convindo previamente proceder a cuidadosa escolha do material a plantar. Para o efeito, devem seleccionar-se as «garras» de raízes pouco numerosas, gros-

sas, curtas, de igual diâmetro em todo o seu comprimento, de colo largo e provido de um pequeno número de rebentos vigorosos. Estas «garras» podem ser adquiridas nas casas da especialidade (hortos, casas de sementes, etc.) ou serem obtidas a partir de sementeiras. Esta última técnica não é de preconizar para o principiante, pois é demorada e delicada.

Feita a escolha, efectua-se a plantação (em Março e Abril, tendo-se realizado a preparação da terra nos meses de Outubro e Dezembro) seguindo o sistema de plantação indicado na figura junta, com



valas de 40 cm de largura e igual profundidade, separadas por tabuleiros de um metro de lado. Distribuída a estrumação no fundo das valas (e só estas pois os adubos já devem ter sido incorporados no Outono) mistura-se esta com a terra da superfície, separada aquando da abertura das valas. É sobre essa terra que se plantam as garras, cobrindo-as no primeiro ano apenas com 5 cm de terra, ficando a sobrança amontoada nos tabuleiros entre as valas.

Ao pé de cada garra enterra-se uma pequena estaca, a fim de que com esta indicação os tufos fiquem a salvo dos amanhos futuros durante o estio. A amontoada da terra, apontada no esquema, far-se-á no segundo ano.

Os tabuleiros de separação das valas podem ser aproveitados com hortícolas de raizame superficial, caso, por exemplo, de alfaces e rabanetes.

As hastas dos espargos desenvol-

vem-se a breve trecho, amarelecem e secam no Outono. Cortam-se nesta época junto ao solo, endireitam-se os tabuleiros com a terra caída e arrastada pela chuva. Mantêm-se os tabuleiros limpos das más ervas.

Na Primavera do segundo ano substituem-se as garras que morreram durante o primeiro ano (quase sempre aparecem falhas após a plantação inicial) e incorpora-se, com as sachas, nova estrumação e adubação. Em fins de Março ou princípios de Abril amontoam-se os pés dos espargos, acumulando sobre cada um deles 15 a 20 cm de terra tirada dos tabuleiros.

Duas a três semanas após a amontoa, inicia-se a colheita pelos pés mais vigorosos, dos quais não se deve tirar mais de dois ou três rebentos para as não esgotar prematuramente.

A localização do gomo a colher é dada pelo fundilhamento estrelado na terra do camalhão amontoado. A colheita deve suspender-se em Junho ou Julho, sem o que a espargueira corre o risco de se esgotar. Os torriões restantes deixar-se-ão evoluir para parte aérea, que irá assim renovar as reservas da parte subterrânea.

Os tufos fracos poupam-se durante dois ou três anos.

As sachas no estio são imprescindíveis. Repetem-se as operações indicadas anualmente a partir do terceiro ano. A colheita, que inicialmente dura de três a quatro semanas, prolonga-se por mais tempo nos anos seguintes. Ao sexto ano a espargueira está em plena produção, podendo a colheita prolongar-se até Julho.

Uma espargueira dura, regra geral, quinze anos, produzindo sempre satisfatoriamente, quando bem cuidada, se o horticultor tiver em vista que se trata aqui de uma cultura melindrosa e complexa. Rendosa, é verdade, só o será, no entanto, se o lavrador abandonar em relação a ela aqueles métodos simplistas que caracterizam o nosso meio agrário — e com que o espargo é bastante incompatível...

Valdemar Cordeiro.

O ARROZ SETANTUNO

Como apareceu em
cultura

Por JOSÉ FARINHA
Regente agrícola

II

Breves notas de ordem
económica



NO conceito geral da cultura orizícola, não pode dizer-se que a forma cultivada Setantuno seja diferente das restantes, particularmente daquelas com que a lavoura tem maior contacto, como sejam o Chinês, Pontarubra, P. 6, etc. As suas exigências em cuidados culturais, água de rega, fertilizantes, tipos de terreno, etc., são de um modo geral as das restantes "variedades", posto que, para alguns tipos de terreno, onde as restantes formas apresentam grandes quebras de produção, conforme teremos oportunidade de ver, os seus rendimentos económicos conservam-se nestas circunstâncias especiais manifestamente superiores aos das restantes "variedades" cultivadas. Ora sendo assim, interessa, antes de mais, dar a conhecer aos orizicultores quais são os factores que lhes garantem um maior rendimento económico, por forma a poder dar-se preferência à sua cultura, relativamente às restantes. Assim, temos em primeiro lugar, uma *regular capacidade produtiva*, a que se segue uma *grande rusticidade*, *boa resistência à brança*, e uma *ligeira precocidade*, relativamente à forma Chinês.

Analiseemos cada uma das qualidades que se apontam:

Produtividade — O prolongado contacto que temos lido com a cultura do Setantuno, segundo nos parece, permi-

te-nos dizer, mas sem entusiasmos exagerados, acentue-se, que, em circunstâncias normais, esta forma dá-nos produções que se caracterizam não só por uma acentuada regularidade, mas, ainda, de uma maneira geral, superiores às das restantes formas em cultura, incluindo o próprio Chinês, que neste caso nos serve de termo de comparação, por ser das formas mais conhecidas. As razões em que apoiamos o que acabamos de dizer são as seguintes: em primeiro lugar, porque em mais de um ano temos comparado as produções unitárias para idênticas áreas de cultura, tipos de terreno, fertilização etc, e sempre temos verificado que com frequência ultrapassam as do Chinês. Independentemente desta questão de pormenor, que podemos classificar como de melhor poder de adaptação a um ou outro tipo de terreno, existem outros factores, talvez mais concludentes, e que podem observar-se na própria planta. Referimo-nos à característica da sua «espiga», que, além de apresentar maior comprimento que a das restantes formas em cultura, apresenta a particularidade de ser muito mais ramificada, digamos assim, e a que podemos chamar espigas secundárias. É certo que também todas as outras «variedades» apresentam uma espiga em vários braços, mas de uma maneira geral são menos desenvolvidos e em menor número que os daquela.

Nesta particularidade reside, em nossa modesta opinião, uma boa parte das razões que lhe conferem a boa capacidade produtiva.

Se compararmos duas espigas de Chinês e Setantuno, logo verificamos que embora a primeira seja mais «tuchada», a segunda é maior, com maior número de ramificações, algumas das quais tão grandes como as espigas de outras variedades.

Rusticidade—Posto que uma das razões em que assenta a larga dispersão da cultura do Chinês seja precisamente a do seu elevado grau de rusticidade, ao ponto de se dizer que, terreno onde não vá bem esta forma é inútil tentar a cultura de outras formas, esta opinião prevalece ainda em muitos sectores orizícolas, mas nós somos de parecer que o Setantuno «bate» à vontade o Chinês em determinados tipos de terreno. Estão nestes os terrenos orizícolas mais delgados, que são de um modo geral também mais pobres e mais secos, terrenos onde a cultura do Setantuno não teme confrontos, desde que, evidentemente, não lhe falte a água de rega.

Também nos terrenos orizícolas argilo-calcáreos, também mais pobres que ricos, não há igualmente razão para temer o confronto do Setantuno com o Chinês; mais, até porque este, conforme teremos oportunidade de ver adiante, grama melhor neste tipo de terrenos do que o Chinês.

Temos igualmente observado que em terrenos férteis, as diferenças de produção não são tão acentuadas, embora, para alguns casos, a nossa simpatia vá ainda para o Setantuno. Sob este ponto de vista, — rusticidade, — podemos concluir dizendo: a forma Setantuno, posto que vá bem em todos os tipos de terreno, é particularmente indicada para os terrenos pobres, onde, de um modo geral, fracassam todas as restantes formas.

Resistência à brança — A brança dos arrozais, que é, por assim dizer o quebra-cabeça dos orizicultores — pois por mais que façam não lhe «atinam» com todas as suas origens — tem no Setantuno, quase se pode dizer, um inimigo, tão pouco atreito se manifesta a

esta doença ou fenómeno de ordem fisiológica, ou, melhor dizendo, talvez de uma e outra coisa.

De acordo com o que acabamos de escrever, podemos relatar um pormenor bastante curioso, que põe bem em evidência a sua resistência à brança. Numa seara com cerca de quinze hectares, observou-se ao longo de vários anos de cultura do arroz, com as formas Chinês e Ponta rubra, que deferminadas parcelas branceavam todos os anos, quer houvesse muita ou pouca água, quer o período de granação fosse mais quente ou mais frio etc. Pois bem! Plantados estes mesmos terrenos de arroz Setantuno, a brança pode não desaparecer completamente, mas uma coisa é certa: passa despercebida. Mas há ainda outro pormenor ainda mais concludente sob este ponto de vista:— os terrenos orizícolas argilo-calcáreos, e destes, particularmente os mais calcáreos e fracos, onde a cultura do Chinês e Ponta-rubra, em muitos anos dificilmente chega a formar panícula e esta na quase totalidade branceada, quando não completamente branceada. Pois bem! Nestes mesmos terrenos, o Setantuno não só não branceia, como atinge por vezes magníficas produções. Há pelo menos seis anos que constatamos este pormenor, que por si só põe bem em destaque o valor cultural do Setantuno.



Esclarecimentos sobre a legislação que regula a plantação de videiras

Pelo eng. agrónomo JOSÉ MADEIRA PINTO LOBO

A plantação de videiras está actualmente regulada por três decretos: n.os 38.525, 40.037 e 41.066, e a portaria n.º 13.900, de 25/3/952.

Dado que nem todos os lavradores têm facilidade e possibilidade de consultar, e estar dentro da legislação, resolvemos dar os esclarecimentos necessários a quem deseje fazer uma plantação, para que tenham possibilidade de saberem o que podem fazer e o que é proibido.

O organismo que tem o controle das plantações é a Direcção Geral dos Serviços Agrícolas do Secretariado da Agricultura.

Há plantações que se podem fazer sem prévia autorização daquela Direcção Geral, há outras que necessitam dessa autorização e finalmente há plantações que se não podem fazer.

a) — **Plantações que se podem fazer sem prévia autorização.**

1) — *As plantações das bordaduras dos campos da Região Demarcada dos Vinhos Verdes e de outras com características semelhantes.*

Consideram-se para o efeito as plantações feitas nas extremas e nos limites naturais dos campos de cultura. Dessa forma não são para considerar as plantações feitas ao longo de socalcos criados artificialmente, ou de caminhos novos, que se não justifiquem.

Além da Região Demarcada dos Vinhos

Verdes podem fazer-se estas plantações, conforme a portaria n.º 13.900 de 25/3/952: na totalidade dos concelhos de Albergaria-a-Velha, Arouca, Castanheira de Pera, Castelo de Paiva, Castro Daire, Cinfães, Espinho, Estarreja, Feira, Ilhavo, Murtoza, Oliveira de Azeméis, Oliveira de Frades, Ovar, Pedrogão Grande, S. João da Madeira, S. Pedro do Sul, Sever do Vouga, Vale de Cambra, e Vouzela, e ainda, em todo o concelho de Aveiro com excepção da freguesia de Nariz, e do lugar da Póvoa do Valado, da freguesia de Requeixo, Boticas, apenas na freguesia de Covas do Barroso, Figueiró dos Vinhos, apenas na freguesia de Campelos, Montalegre nas freguesias de Cabril, Covelos do Gerez e Ferral, Vagos todo o concelho com excepção das freguesias de Soza e Covão do Cobo e finalmente as freguesias de Calde, Campo, Ribafeita, Lordosa, e Bódiosa, do concelho de Viseu.

Nesta zona apenas é permitida a plantação nas bordaduras dos campos, sendo portanto proibida a plantação da vinha contínua; nas outras regiões não é permitida a plantação de videiras nas bordaduras, salvo se estas se puderem fazer ao abrigo de outras disposições que indicaremos.

2) — *Retancho e substituição de cepas mortas ou doentes, não excedendo 20 % do povoamento da vinha.*

Entende-se por *retancho* a plantação de báculos nos primeiros anos a seguir à

plantação, e por substituição de cepas mortas ou doentes o preenchimento das falhas dispersas da vinha em exploração.

3) — *Plantações com carácter ornamental*, feitas junto de habitações, caminhos, poços, tanques, muros, etc.

b — Plantações para que há necessidade de pedir autorização prévia da D. G. dos Serviços Agrícolas:

1) — *Plantações para o consumo dos casais ou casas agrícolas.*

Todos os proprietários podem requerer autorização para a plantação de vinha até perfazer, com as videiras já possuídas, por cada casal e concelho:

3.000 pés em terrenos do grupo	I
2.500 » » » » »	II
1.500 » » » » »	III
700 » » » » »	IV

Desta maneira cada proprietário pode requerer, para cada concelho, em que tenha propriedades, autorização para o plantio de videiras de forma que, feitas as devidas correspondências, fique, no total, com o número de videiras tendo como limite máximo o correspondente a um dos grupos.

Assim, se um proprietário possui 350 videiras no IV grupo pode apenas plantar 750 em terrenos do III grupo, 1.250 no II ou 1.500 no primeiro.

A tabela de classificação dos terrenos é a seguinte:

I — Terrenos de encosta pobres ou medianamente férteis, de difícil aproveitamento económico por culturas arvenses;

II — terrenos horizontais ou ligeiramente inclinados, pobres, não economicamente irrigáveis e pouco aptos à exploração económica de culturas arvenses;

III — terrenos de encosta férteis, aptos à exploração económica de culturas arvenses;

IV — terrenos naturalmente horizontais ou ligeiramente inclinados, férteis, não economicamente irrigáveis, mas aptos à

exploração económica de culturas arvenses;

V — terrenos horizontais de regadio ou, pelo menos, frescos, localizados em vales ou talvegues, que, por virtude da sua fertilidade, ofereçam, em condições normais, possibilidade para a exploração económica de culturas arvenses ou pomareiras.

Não é o plantio para o consumo do casal agrícola autorizado para a Região Demarcada dos Vinhos Verdes e semelhantes.

2) — *Na Região Demarcada do Douro* — pode requerer-se, sem limitação de pés, desde que os terrenos sejam susceptíveis de produzirem vinhos de superior qualidade, ouvido o Instituto do Vinho do Porto.

3) — *Plantação de videiras para produção de uvas de mesa* — pode requerer-se desde que os terrenos sejam aptos e tenham a área mínima de um hectare.

4 — *A reconstituição das vinhas* — isto é, a plantação seguida de bacelos levada a efeito no terreno em que se arrancou a vinha.

Não é permitida a reconstituição das vinhas ilegais, das que, à altura da vistoria, tenham menos de 50 % do seu primitivo povoamento, e das abandonadas.

Para que a reconstituição seja autorizada deve portanto ser cultivada e possuir ainda mais de 50 % do primitivo povoamento, disperso por toda a área a reconstituir.

6) — *Transferência de vinhas* — entendendo-se, para o efeito, a plantação seguida de bacelos em terreno diferente daquele em que se arrancou ou se pretende proceder ao arranque.

Se a transferência se faz para terrenos do mesmo grupo mantêm-se o mesmo número de pés, se é feita para terrenos mais pobres, beneficiam dum aumento de pés expresso na relação de 1: 2: 3: 4: 5, respectivamente, para os terrenos dos grupos I, II, III, IV e V da tabela referida.

Não são autorizadas as transferências:

das vinhas que tenham menos de

50 o/o do primitivo povoamento ou estejam abandonadas;

das videiras cultivadas em bordaduras de campos e das plantações com carácter ornamental;

das vinhas plantadas ao abrigo do disposto para o consumo do casal agrícola;

das vinhas das areias de Colares, das «caeiras» de Bucelas e das plantações feitas na região do Douro ao abrigo do decreto n.º 26.916 e da alínea a) do art. 4.º do decreto 28.525; e ainda

das vinhas plantadas em terrenos asso- reados, inundados ou erosionados, ao abrigo da alínea e) do citado artigo.

Dado que não são dadas autorizações, quer de reconstituição quer de transplantação, para as vinhas que tenham menos de 50 o/o do primitivo povoamento, interessa que, antes destas atingirem esse estado, se peça o cadastro da vinha para, de futuro, poder ser tomada em consideração, pelos Serviços de Plantio, o seu povoamento.

A quem, como e quando se deve requerer:

As plantações que necessitam de autorização prévia para se efectuarem devem ser requeridas ao Senhor Director Geral dos Serviços Agrícolas — e o requerimento, feito conforme o modelo a fornecer pela Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, a pedido do interessado, enviado directamenté à mesma Direcção ou entregue na sede das Brigadas do Plantio da Vinha.

O requerimento deve ser feito em papel selado, e fazer-se acompanhar duma cópia em comum.

Os requerimentos devem ser entregues até ao dia 15 de Abril de cada ano. Desta forma requerer-se um ano antes daquele em que se deseja fazer a planta- ção, pois esta somente deverá ser efectuada depois de ter sido concedida a auto- rização requerida.

Os requerentes que se não conformem com o despacho dos seus requerimentos podem reclamar para o Ministro da Economia, devendo as reclamações serem igualmente feitas em papel selado,

com uma cópia em papel comum, devendo estes dar entrada nos serviços no prazo máximo de 30 dias a contar da data da notificação do despacho em causa.

c) — O que se não pode fazer

a) — Requerer a plantação de vinhas contínuas na Região dos Vinhos Verdes. Nessa zona apenas são permitidas as tradicionais plantações nas bordas dos campos e nos arruamentos, em volta das casas, dos poços, etc.

b) — Toda e qualquer plantação não indicada até aqui, e ainda das requeridas, antes que sejam autorizadas.

Podem, no entanto, plantar-se videiras nas condições restritas que se indicaram no princípio deste artigo, e unicamente nestes casos.

c) — A plantação de produtos directos, a não ser dos que se destinem a um fim ornamental ou de sombra, em ramadas ou parreiras sobre logradouros, poços, tanques e junto às habitações.

Os proprietários que possuam produtores directos fora destas condições estão sujeitos ao pagamento anual duma taxa inicialmente de 2\$50, por cada pé de videira, acrescida anualmente de outros 2\$50 até ao limite máximo de 10\$00.

As Brigadas Móveis do Plantio da Vinha têm sede:

3.ª Brigada Móvel do Plantio da Vinha — sede R. da Restauração, 336 — Porto.

4.ª Brigada Móvel do Plantio da Vinha — sede Régua.

5.ª Brigada Móvel do Plantio da Vinha — sede Viseu.

6.ª Brigada Móvel do Plantio da Vinha — sede Av. Fernão Magalhães, 33-A — Coimbra.

7.ª Brigada Móvel do Plantio da Vinha — sede Caldas da Rainha.

8.ª Brigada Móvel do Plantio da Vinha — sede Av. Ant. Augusto de Aguiar, 179 r/c Esq. — Lisboa.

9.ª Brigada Móvel do Plantio da Vinha — sede R. Dr. Miguel Bombarda, 22 — Santarém.

Preparo de rações para galinhas

Resposta à consulta do senhor assinante n.º 42.167 — S. Pedro do Sul.

PERGUNTA

Tenho um aviário com cerca de 500 galinhas e para o ano tenciono ir para as 1.000.

Como tenho dificuldade em adquirir rações comerciais e tenho milho de minha produção e ainda facilidade em comprar farelos ou sêmea de trigo, penso em preparar, para o próximo ano, as rações em minha casa.

Venho, por isso, pedir o favor de me indicar as fórmulas necessárias conforme a idade das galinhas e, ainda, se os cereais podem ser moídos em moinhos com mós de pedra, pois não tenho para já moinho de martelos, como julgo ser conveniente.

RESPOSTA

Na indústria avícola actual exige-se uma produção já tão elevada das aves, que só utilizando rações muito bem equilibradas em todos os princípios nutritivos se poderão alcançar.

As suas fórmulas são assaz complexas para poderem ser executadas pelos avicultores com pequenas ou médias explorações, pois não só há que se dispor de uma grande diversidade de produtos, alguns para serem utilizados em pequeníssimas doses, como de bons misturadores, para tornarem as farinhas alimentares o mais homogêneas possível.

Os produtos de que o senhor consulente dispõe (milho e sêmeas de trigo), são muito poucos para compor uma ração eficiente. Haverá que adquirir vários outros, incluindo suplementos vitamínicos e minerais apropriados, estes de preparação bastante difícil para ser feita pelos avicultores.

Não é possível indicar a melhor fórmula alimentar para cada caso, pois com diversos produtos podem preparar-se rações com idênticos efeitos, variando estas

com os produtos que mais fácil e economicamente se obtenham.

Portanto, as fórmulas a seguir indicadas representam apenas tipos de rações.

Produtos	Pintos até 2,5 meses %	Frangos até 5 meses %	Poedeiras %
Sêmeas	10	15	18
F. de milho	42	42	35
F. de cevada	15	16	10
F. de aveia	—	3	5
F. de fava	3	—	4
F. de soja	4	—	—
Bagaçõ de mendobi	5	8	8
F. de luzerna	3	3	5
F. de peixe	6	8	8
F. de carne	4	—	4
F. de sangue	2	—	—
Leite em pó	4	—	—
F. casca de ostra	2	2	2
F. de ossos	—	1	1
Sulfato de manganês	0,020	0,015	0,015
Cloreto de sódio	0,20	0,25	0,5

Convém recorrer aos suplementos vitamínicos, minerais e antibióticos existentes no mercado.

Também já existem à venda concentrados ou semi-concentrados de proteínas, vitaminas e minerais para incorporar nos alimentos em diferentes percentagens consoante o fim a que se destinam e os produtos de que se disponha, o que simplifica bastante a preparação das rações.

Na falta de moinho de martelos, poderá utilizar outros tipos, convindo que os cereais não fiquem demasiadamente pulverizados e que a cevada e aveia, quando destinadas aos pintos, sejam peneiradas depois de moídas.

Sérgio Pessoa.

SALMONELAS E SALMONELOSES

POR JOSÉ CARRILHO CHAVES
MÉDICO VETERINÁRIO

O homem, embora vá progredindo incessantemente nas ciências, ao ponto de ter conseguido o lançamento, com pleno êxito, de vários satélites artificiais, não esquecendo o «Lunik», cuja trajectória foi duma precisão extraordinária, êxito que há meio século atrás se classificaria de impossível ou verdadeira utopia; a viagem maravilhosa do submarino «Nautilus», da armada dos Estados Unidos da América do Norte; a preparação para as futuras viagens interplanetárias, o que nos recorda os atraentes e sempre oportunos livros desse génio que se chamou Júlio Verne, considerados noutro tempo como autêntica literatura de ficção; o deslumbramento da televisão; a aplicação pacífica da energia nuclear e tantos empreendimentos notáveis, alcançados pela inteligência humana; o homem, o rei da criação, está constantemente ameaçado pelos chamados «infinitamente pequenos», numa luta sem tréguas, de dia a dia.

Podem um exército poderosíssimo estar dotado de armas nucleares e de projecteis teleguiados, estar ainda protegido contra a bomba atómica, a termo-nuclear, ou ainda outra mais destruidora que a ciência mavórtica invente para pulverizar gentes e nações; contudo, os seus componentes humanos, soldados bem constituídos, óptimamente treinados e sempre vigilantes à espreita do inimigo humano, ameaçando-o com os seus canhões de longo alcance e reduzindo-o e aniquilando-o em pouco tempo, podem cair numa armadilha, ao serem contaminados por «salmonelas», seres infinitamente pequenos, invisíveis à vista desarmada.

Os autores americanos agrupam, sob a designação de «salmoneloses», um con-

junto de infecções provocadas por bacilos dificilmente diferenciados do Paratífico B, como o Bacilo da Psitacose; o B. Typhimurium (do rato); o vírus Danysz; o agente da Septicémia dos vitelos, etc., etc.

A sua difusão está generalizada por todos os pontos do globo; no entanto, tem-se notado a predominância de algumas espécies em determinadas regiões, como o que se verifica com a Salmonela.

O número destas espécies e suas variedades é superior a 300.

Sabe-se actualmente que muitas espécies são patogénicas tanto para o homem como para os animais, como o que sucede com a já referida S. enteritidis-Dublin, que ataca os bovinos e na espécie humana provoca gastro-enterites, febre paratifoide, toxi-infecções alimentares. Outras, como a S. typhosa e a S. paratyphi, molestando o homem, parece não infectarem os bovinos, pois todos sabemos que estas duas últimas espécies de salmonelas vivem nas águas conspurcadas, águas que muitas vezes servem para abeberar os animais, e não consta que estes adoeçam com febres tifóide e paratifoide.

Existem dois tipos ou grupos de salmonelas — o grupo tóxico, que tem como indicativo a S. enteritidis-Dublin, e o grupo infeccioso, à cabeça do qual estão as salmonelas tíficas, já referidas.

Certas intoxicações, como as provocadas pela ingestão de gelados, muito comuns nos Estados da América do Norte e Inglaterra, não aparecem no continente europeu.

Na Alemanha, por exemplo, é frequente o aparecimento de intoxicações, pela ingestão de alguns produtos de sal-sicharia.

O leite, como excelente «meio de cultura» que é, devido a verdadeiras vicissitudes por que muitas vezes passa, desde a ordenha anti-higiênica, contaminado pelas mãos dos ordenhadores e pelo meio ambiente, como também por fezes de animais portadores de salmoneloses, conspurcações com fezes e urina de ratos, águas inquinadas, servindo para abeberar as vacas ou para «lavar» as vasilhas, produto proveniente ainda de úberes infectados, acrescido, tudo isto, com uma entrega defeituosa ao consumidor, em venda avulso, este precioso alimento de origem animal pode tornar-se uma fonte perene de infecções salmonélicas.

Parece que todos os animais de sangue quente, tanto domésticos como selvagens, são portadores de salmonelas.

No centro e no noroeste do nosso velho continente, são consideradas as aves de capoeira — os patos e as galinhas —, como os portadores de maior importância.

Dos animais de abate, é o porco aquele que é tido como o mais infectado, seguindo-se os bovinos e os ovinos.

Ainda que bem adaptados ao meio interno ou orgânico, podem viver muitos anos no solo dos estábulos, nos terrenos de pastagens ou nas águas.

Field encontrou, em fezes secas de bovinos, salmonelas vivas ao cabo de mais de mil dias após a evacuação, e igualmente vivas na água, após oitenta e sete dias de sementeira.

Estes microorganismos não são apenas parasitas do tubo digestivo. Mercê do rompimento do equilíbrio entre as salmonelas e as defesas orgânicas, podem invadir os tecidos musculares e adiposos dos animais, provocando a contaminação da carne.

Quase todas as pessoas que contactam com os animais — marchantes, talhantes, vaqueiros, pastores, médicos veterinários, empregados de aviários, etc., — os podem ou devem albergar.

A salmonelose intestinal é apanágio dos animais jovens, ao passo que nos adultos esta zoonose pode invadir os tecidos, como atrás indicamos.

Parece estar condicionado o contágio mais frequente àqueles animais que têm uma vida bastante livre, como os ratos,

as ratazanas, os pombos, as gaivotas, etc.; no entanto, como já vimos, o porco que é das espécies mais sedentárias, alberga um número muito grande e variado destes microorganismos.

Nos animais domésticos, as espécies mais frequentes são: *S. enteritidis*-Dublin; *S. typhimurium*; *S. suispestifer*; *S. Newport*; *S. pullorum*; *S. cholerae suis* e a sua variedade *Kunzendorf*; *S. schttmuelleri*, etc.

A *S. enteritidis* e a *S. anatum*, já têm sido isoladas do cão e do gato. As salmonelas são mais frequentes no primeiro daqueles animais domésticos.

Ainda as podem transmitir depois de curados, aqueles indivíduos depois denominados «portadores de vírus».

Os galináceos podem igualmente albergar a *S. typhi*, transmitindo-a ao homem. O intestino daquelas aves domésticas é um autêntico viveiro de salmonelas. Os casos de diarreia tão frequentes e tão desprezados nestes animais, significam um aumento considerável de salmonelas à superfície dos ovos. Estes produtos alimentares de origem animal, quando se encontrem sujos dos próprios dejectos das poedeiras, tornam-se muito perigosos. É preciso ter cuidado com a confecção das gemadas, para que o ovo ao ser extraído da casca não se contamine nesta.

Quando do abate de criação e de suínos, que no geral são espécies que os particulares abatem a seu belo prazer, é de eliminar os animais exibindo diarreias, por serem portadores seguros dos microorganismos de que estamos tratando muito sumariamente.

O cão e o gato, que vivem em comum com o homem, podem-lhe transmitir esta antroponose.

Para a destruição dos microorganismos da carne, aconselha-se a sua perfeita cocção. O leite deverá ser convenientemente fervido, como já temos indicado. Evitem-se as conspurcações dos alimentos e das águas de bebida, pela urina e fezes dos ratos. A desratização ocupa um papel importante na difícil profilaxia destas doenças.

Muito cuidado com as águas de bebida, as saladas, etc. Vigie-se o estado sanitário do cão e do gato.

CAÇA E PESCA

Pesca e Cinema

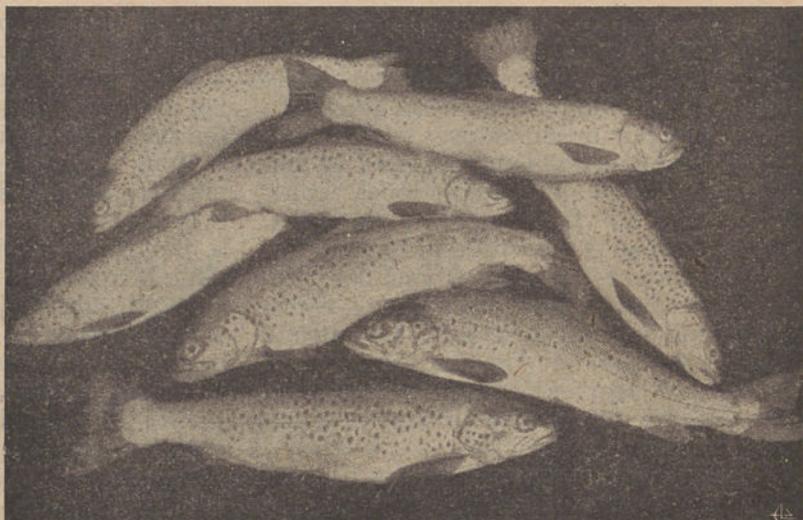
Por
ALMEIDA COQUET

FREQUENTES vezes temos visto no cinema do-

documentários sobre assuntos piscícolas filmados no estrangeiro e que, quase na sua totalidade, são muito apreciados pelos espectadores. Desde as estonteantes entradas dos salmões do Pacífico em rios da Colúmbia Inglesa — principalmente no célebre Rio Frazer — em hordas de centenas de milhares, que percorrerão centenas de quilómetros para atingirem os locais de desova, até às cenas de pesca em rios e lagos de paisagem grandiosa, e ainda aos documentários sobre trabalhos de laboratório, tudo isso prende a atenção do espectador — para muitos matéria nova — instruindo de maneira fácil e agradável sobre assuntos maravilhosos de história natural.

E ao vermos esses filmes, ocorria-nos sempre com pesar a ideia de que o mesmo se poderia fazer em Portugal, não só para mostrar ao público tanta coisa que ele ignora do nosso país, como também para o instruir sobre o que deveremos fazer para respeitar essa enorme riqueza que tanto temos desprezado e que se pode ocultar nas águas dos nossos rios e, mais recentemente, na das nossas albufeiras.

Foi com alvoroço, pois, que há semanas atrás vimos no Cinema S. João um documentário português — o primeiro no género, segundo cremos — discretamente apresentado no cartaz sob o modesto título: A TRUTA, sem o menor reclame ou menção que fizesse despertar a atenção de tantos que se interessam por assuntos



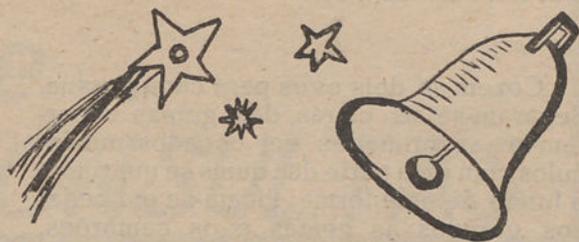
desta ordem. É bem pena que antecipadamente não se tivesse feito a devida publicidade. E fomos vê-lo, porque tivemos a felicidade de alguém nos avisar.

Trata-se de um filme de carácter oficial, segundo se depreende de um dos dísticos que nos apresenta o nome da Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, a que se segue o do Sr. Engenheiro piscicultor Eduardo de Lencastre, da Estação Aquícola do Rio Ave, que actuou com notável proficiência e habilidade na organização e sequência dos assuntos.

A cores, mostrando-nos a vasta e encantadora paisagem de uma das nossas albufeiras — a da Caniçada, segundo nos pareceu — e a de um rio onde a água cristalina salta e corre entre rochas do pedregoso leito, com magníficos efeitos de luz na ramaria do arvoredado das margens, dá este documentário uma sensação agradável de tranquilidade, de descanso; e até ali, numa cadeira do teatro, o espectador sente que os nervos se descontraem depois de um dia de trabalho e de cansaça. É um pouco do que acontece ao pescador que muitos não compreendem, e que no fim de semana procura paisagens idênticas à que o filme nos apresenta, para tonificar os nervos, os músculos e os pulmões, intoxicados pelo ambiente do escritório ou da oficina durante os seis dias úteis da semana...

(Conclui na pág. n.º 32)

SECÇÃO FEMININA



Mais um ano findou e outro se anuncia. No limiar do que nasce não pode a página feminina da *Gazeta das Aldeias* deixar de saudar as suas gentis leitoras e desejar que ele lhes seja pródigo em alegrias e felicidade.

E, atenciosa como sempre, vem dar-lhes uma sugestão para o menu do seu dia de Reis. Conquanto não seja dos mais importantes nesta sequência festiva, nem por isso deixa de ser muito festejado em várias terras da provincia.

Aqui o têm, pois:

Hors-d'oeuvre variados
Filetes de linguado Mornay com puré
Pato com molho de sangue (cabidela)
Ananás ao natural
Café com licores

Depois de tantos dias festivos, em que se abusou das gorduras e do doce, este menu tem a vantagem de ser agradável e desenojativo e cairá bem no agrado dos seus convidados.

A época que atravessamos, devido ao seu carácter festivo, é pródiga em refeições opiparas e em que cada dona de casa procura apresentar uma inovação ou um prato deveras apetitoso. Em geral, não se olha a despesas e até os mais pobres, têm nesta quadra, as suas "extravagâncias" — passe o termo.

É claro que as receitas que apresentamos não podem, infelizmente, ser usadas por todas, pois se tornam dispendiosas, em vista da sua invulgaridade. Esperamos, contudo, que aqueles que o fizerem, encontrem nelas um óptimo manjar.



Conchas de ostras

Depois de bem lavadas com água e sal para que larguem a areia, abrem-se

ao lume num tabuleiro. Separam-se os mariscos da casca e refogam-se com um fio de azeite, manteiga, salsa e cebola picada. Deixa-se estrugir uns minutos e acrescenta-se um pouco de vinho branco. Depois de ferverem cerca de 15 minutos, deitam-se num creme feito com a água que escorreu dos mariscos, depois de bem coada, farinha, manteiga e uma gema de ovo. Se não for suficiente acrescenta-se um pouco de leite. Mexe-se tudo muito bem, junta-se uma colher de chá de aguárdente velha ou de vinho do Porto e enchem-se as conchas com este creme. Polvilham-se com pão ralado e levam-se ao forno a tostar.

Bolo de camarões

Cozem-se dois ovos para cada pessoa. Separam-se as claras das gemas e cortam-se as primeiras em bocados minúsculos com uma parte das quais se garante o fundo de uma forma. Picam-se em pedaços graúdos as gemas e os camarões, calculando 50 gramas por pessoa. Tempera-se de sal e pimenta e enche-se a forma com esta mistura, terminando por pequenos dados de clara de ovo cozido.

Cobre-se tudo com um testro ou disco das dimensões da forma, carrega-se bem e põe-se um peso sobre o disco para que o bolo fique bem apertado. No momento de servir, tira-se o bolo da forma e enfeita-se com camarões, raminhos de salsa, rodela de ovo cozido e pequenos tomates. Serve-se com molho de maionaise.



Lombos de lebre assados com natas

Cortam-se os lombos da lebre e põem-se numa frigideira com 250 gramas de manteiga fresca, 3 gramas de sal, um pouco de pimenta duas rodela de cebola e cinco bagos de zimbros. Fazem-se corar os bocados de lebre dos dois lados, juntando mais 150 gramas de manteiga. Depois de meia hora de forno, estando a lebre bem lourada, salpicam-se de pão ralado para ligar o molho, juntando-se cinco a seis colheres, das de sopa, de caldo de carne.

Deixa-se passar por mais uma hora, regando bastantes vezes os bocados de lebre com o molho da assadura. Um quarto de hora antes de servir, juntam-se dois decilitros e meio de nata fresca não batida, rectificando-se os temperos de sal e pimenta, deixando aquecer uns dez minutos a um quarto de hora.

Serve-se com acompanhamento de puré de cogumelos.

CAÇA E PESCA

Pesca e Cinema

(Conclusão da pág. n.º 30)

Mostra-nos ainda o filme como se procede à reprodução artificial das trutas. É mostra também o que é preciso evitar — poluição da água, pesca ilegal, etc. — para protecção desses lindos peixes sarpintados, de tanto valor para a pesca desportiva — e portanto grande factor de TURISMO — e ainda como alimento delicioso e útil.

Não deixou também de mostrar um pescador desportivo, o nosso amigo Cap. Araújo e Gama, exemplificando a pesca à pluma e em luta com um lindo exemplar de *Salmo fario*. Em resumo, um bellissimo documentário que honra a cinematografia nacional e que, dadas as devidas proporções entre a nossa paisagem e a de maiores dimensões em outros cantos do mundo, pode ser exibido sem desvantagem a par dos documentários do mesmo género que nos vêm de fora.

Por isso nos sentimos contentes, até ao verificarmos à nossa volta o agrado do público, que bem mostrava desconhecer os assuntos que ali viu, mas que se sentia contagiado pelo aspecto da paisagem, dos peixes e de tudo quanto o filme lhe mostrou... e ensinou.

Só uma coisa nos remoia cá dentro — e remói até ao momento de escrevermos estas linhas. Porque é que a Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, fazendo produzir um tão útil documentário sobre assuntos piscícolas das nossas águas interiores, mostrando sem hesitações o valor enorme da existência de uma fauna piscícola nas águas doces, não procura obter a publicação da Regulamentação da Lei N.º 2.097 de 6 de Junho de 1959?

Sem isso, não será exequível o que a própria Direcção Geral aconselha para protecção à fauna piscícola, no documentário que tão gostosamente viemos de apreciar.

Serviço de CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes—do *Instituto Superior de Agronomia*; Dr. António Sérgio Pessoa, Médico Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves—do *Instituto Superior de Agronomia*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo—da *Estação Agrária de Viseu*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Nuncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Professor da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Dr. Sérgio de Pinho, Advogado; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo—da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo—*Director do Posto C. de Fomento Apícola*.

I

AGRICULTURA

N.º 1 — Assinante n.º 35:292 — *Manteiças.*

ADUBAÇÃO PARA VINHA E OLIVAL

PERGUNTA—1.º Tenho 1.000 videiras plantadas com 2 anos. A plantação foi feita com estrume de curral; todavia, não se têm desenvolvido. Desejava, este ano, adubá-las. Qual o melhor adubo para tal fim? O Nitramoncal?

Como devo efectuar a adubação e em que época?

Tenciono plantar este ano (Janeiro próximo) mais alguns bacelos já enxertados; devo plantá-los com estrume de curral ou com adubo?

Trata-se de terreno de encosta, saibroso e solto, bastante permeável.

2.º Tenho um olival que frutifica mal, talvez por ser um pouco sombrio e por falta de estrume ou adubo. As oliveiras são ainda novas (20 anos), da qualidade "Galega Grada" e "Cordovil". O terreno é aberto, arenoso. Desejava estrumar ou adubar, para obter boa colheita. Como devo proceder e em que época se deve efectuar a adubação?

RESPOSTA—1.º Não há boa adubação em que não participem, em proporções convenientes, azote, ácido fosfórico e potassa. O nitramoncal, o nitro-amoniacal, o sulfato de amónio, como fontes de azote, servem. Mas, necessita-se ainda dos dois outros elementos. Para a outra, pode aplicar, por pé: um dos referidos adubos azotados, 50 gramas; superfosfato

de cal, 18 o/o, 60 gramas; cloreto de potássio, 25 gramas. Também pode aplicar Nitrophoska, que contém os 3 elementos. O estrume, conjuntamente, o que puder aplicar. Época, Primavera.

O bacelo deve ser estrumado e adubado.

2.º Para o olival, pode aplicar, por pé: estrume, o que puder dispensar (5-20 quilos); e 2 quilos da seguinte mistura:

Superfosfato de 18 o/o	50 quilos
Sulfato de amónio	35 »
Cloreto de potássio	15 »

ou fosfato Tomás, cianamida cálcica e cloreto de potássio, nas mesmas proporções. Época, Primavera. — *M. Ramos.*

N.º 2 — Assinante n.º 44.642 — *Lourosa.*

ADUBAÇÃO PARA VINHA E OLIVAL

PERGUNTA—Peço o favor de me informar se há, ou se haveria possibilidade de fazer, um adubo que desse resultado para a vinha e olival, constituído por excrementos de cabra, pomba e cinza.

Como tenho este produto em grande quantidade e, se fosse possível, agradecia o obséquio de informar as quantidades necessárias para obter um bom adubo.

RESPOSTA—Não havendo análises dos excrementos, nem das cinzas, nem da

proveniência destas últimos, há que lançar mão de médias de composição. Partindo-se da hipótese de que, na verdade, se trata de excrementos e não de estrumes, pode-se admitir que partes iguais, em peso, dos dois excrementos, teriam por cento: azote (N) 2,2; ácido fosfórico (P_2O_5) 1,2. As cinzas variam bastante de composição, conforme a origem vegetal. Admitamos que oferecem 10 de potassa (OK_2) e 3 de ácido fosfórico (P_2O_5), por cento. O vulgar estrume de quinta tem, em média, por cento: azote 0,5; ácido fosfórico, 0,3; potassa 0,6. Deste estrume, para a vinha, por Ha., 30 a 35 toneladas é uma estrumação muito razoável.

Para as oliveiras, por pé, à volta de 20 quilos. Com estes dados, o senhor consulente pode fazer as misturas como melhor lhe convier.

A cinza é aconselhável espalhá-la só na ocasião da estrumação. — *M. Ramos.*

N.º 3 — Assinante n.º 43.044 — Foz de Arouce.

CLASSIFICAÇÃO DE PLANTA

PERGUNTA — Peço a fineza de classificar a planta de que envio uma amostra, rogando também o favor de me informar se tem alguma utilidade.

RESPOSTA — Não a conheço, e, só pelo fruto, não consegui classificá-la. Era necessário a inflorescência. — *M. Ramos.*

N.º 4 — Assinante n.º 41.373 — Braga.

EMPREGO DO SULFONITRATO DE AMÓNIO

PERGUNTA — 1.º O sulfonitrato de amónio pode substituir, com os mesmos resultados, o sulfato de amónio, na cultura da batata, cereais e fruteiras?

2.º Emprega-se na mesma proporção que o sulfato de amónio?

3.º Pode-se misturar sem inconveniente, na altura do emprego, com o superfosfato e o sulfato de potássio?

RESPOSTA — 1.º Duma maneira geral, os nitroamoniácicos têm vantagens.

2.º Embora com um azote mais elevado, 26 0/0, pode-se usar nas mesmas proporções.

3.º Pode. — *M. Ramos.*

IV

OLIVICULTURA

N.º 5 — Assinante n.º 44.088 — Coimbra.

COMBATE À MOSCA DA AZEITONA

PERGUNTA — Envio numa pequena caixa algumas azeitonas, 2 raminhos de oliveira e um pouco de crosta destas árvores. Há alguns anos que a azeitona cai e apodrece antes da maturação.

O azeite, este ano, foi pouco — cerca de 1/3 da colheita normal — e bastante graduado (4,5-5º de acidez).

Ficarei reconhecido se me esclarecerem sobre o seguinte:

1.º Qual a causa da doença que atinge os frutos e como posso combatê-la?

2.º A acidez provém da má qualidade dos frutos ou de erros da colheita ou manufactura no lagar?

3.º A quantidade e qualidade do azeite pode considerar-se normal nesta safra e nesta região (Coimbra) ou trata-se de caso esporádico?

RESPOSTA — 1.º Os frutos estão todos atacados pela mosca da azeitona (*Dacus oleae*) e algumas pela gafa e bolores que se instalaram neles, consequência dos danos causados por aquela praga. De todos os processos que têm sido indicados para combater a mosca, o que está agora a ser mais empregado, em virtude da sua eficiência, viabilidade técnica e segurança para a saúde do homem, é o que consiste na aplicação de caldas com produtos do tipo do ROGOR. Para a região de Coimbra, a sua aplicação deve fazer-se, por norma, durante o mês de Setembro.

2.º A acidez elevada referida é, neste caso, resultante do mau estado sanitário dos frutos, devido ao ataque da mosca. É possível que uma colheita e conservação defeituosas da azeitona e deficientes condições de manufactura no lagar contribuam para que a acidez seja elevada mas o mau estado da azeitona, só por si, é suficiente para que ela se verifique.

3.º — Quanto à quantidade, não se pode informar com segurança por

VINHOS — AZEITES — Secção técnica, sobre análises de vinhos, vinagres, aguardentes e azeites, etc. Consultas técnicas e montagem de laboratórios. L. cores para todas as análises, marca INO-VITO. Aparelho para a investigação de óleos estranhos nos azeites. — Dirigir a VINO-VITO R. Cais de Santarém, 10 (ao Cais da Areia) — LISBOA — Telefone, 27130

enquanto, mas a má qualidade da produção deve considerar-se normal na região de Coimbra, este ano. — *P. N. Bravo.*

VIII

ENOLOGIA

N.º 6 — *Assinante n.º 39:184 — Lisboa.*

VINHO COM CASSE FÉRRICA (?)

PERGUNTA — De um vinho branco de excelente qualidade (analisado e classificado pela Federação dos Vinicultores do Dão como *multissimo bom*) reservei uma pequena quartola de madeira de castanho. Era nova e o tanoeiro, sem ordem minha, parafinou-a. Fiz lavar a parafina com água fervente, pois sei que, principalmente a impura que os tanoeiros empregam, dá mau sabor. Depois fiz lavar e relavar com água salgada e por fim com água pura.

Passados dias verifica-se uma cor esverdeada do vinho muito desagradável, embora sem grande quebra do primitivo bom gosto do líquido.

É provável que a causa do acidente tenha sido o deficiente tratamento da vasilha nova. Pode fazer-me o favor de me dizer:

1.o) o que posso fazer — se alguma coisa se pode fazer — para restaurar a cor natural do vinho?

2.o) o melhor processo de tratar vasilhas novas para evitar tais desaires?

RESPOSTA — Pelo que o presado assinante indica, a cor esverdeada que o vinho indica, deve, possivelmente, atribuir-se à casse férrica. Nestas condições, deve ter na sua constituição uma dose relativamente elevada de sais de ferro, possível causador do acidente referido, desde que esse vinho, em tais condições, seja arejado. Foi pena não ter enviado uma amostra para se poder fazer o diagnóstico da causa do acidente.

O tratamento pela água salgada, que indica ter feito à vasilha, é de resultados satisfatórios, desde que o contacto da solução salgada com a madeira se prolongue por 5 a 7 dias.

Se o vinho estiver atacado de casse férrica, como presumo, teria de ser tratado com ácido cítrico em dose não superior a 50 gr/hct, ou com taninagem, arejamento e colagem. — *Pedro Núncio Bravo.*

XVI

AVICULTURA

N.º 7 — *Assinante n.º 44:649 — Arganil.*

VARIAÇÃO DE POSTURA DAS GALINHAS, CONSOANTE A IDADE

PERGUNTA — Possui um pequeno aviário que povoar com pintos nascidos em Março e que iniciaram a postura no mês de Agosto. Em que data devo fazer a rotação das aves? Em Agosto, quando completam um ano de postura, ou poderei tê-las mais um ano ou dois, sem que isso acarrete prejuízos para a exploração?

Agradeço a resposta a estas minhas perguntas, com a maior urgência possível, a fim de poder fazer a encomenda das aves, caso essa solução se imponha.

RESPOSTA — A postura das galinhas é normalmente maior no seu primeiro ano de produção, decrescendo cerca de 20% no segundo ano e mais ainda no terceiro.

Além deste facto, durante a muda das penas, que pode durar para além de 2 meses, as galinhas nada produzem, consumindo quase tanta ração quanto as frangas desde que nascem até que iniciam a postura.

Portanto, apenas as melhores poedeiras, quando sejam destinadas a reprodução, se devem reservar para o 2.º ano de postura.

Quem não proceda à reprodução das aves deverá adquirir anualmente pintos durante o mês de Março se estes se destinam a postura, podendo também fazer uma pequena criação mais precocemente, em Novembro-Dezembro, para cobrir a baixa de postura que começa a verificar-se a partir de Maio-Junho. — *Sérgio Pessoa.*

N.º 8 — *Assinante n.º 44:571 — Lisboa.*

CONSEQUÊNCIAS DE UMA ALIMENTAÇÃO DESEQUILIBRADA, NA CRIAÇÃO DE PATOS

PERGUNTA — Tenho uma quantidade de patos da raça *Pekin* e procuro aumentar o seu número chocando os ovos que as patas põem. Sucedeu, porém já por duas vezes, quando tenho ninhadas, que os grandes matam os pequenos e comem-nos.

Dizem-me que isto pode ser motivado por carência de proteínas nas rações que lhe dou, devendo juntar farinha de peixe.

Ficarei muito agradecido pelo favor de me informar o que devo fazer e, no caso de juntar

farinha de peixe, qual a quantidade por dia e por cabeça.

RESPOSTA — Se não está administrando farinha de peixe ou, qualquer outro produto animal aos seus patos, é muito provável que eles tenham carência de proteínas, a qual deverá ser corrigida. Todavia, mesmo com uma ração equilibrada, pode-se verificar o facto que descreve, pelo que está absolutamente contra-indicado criar os patinhos junto das aves adultas.

A quantidade de farinha de peixe a incorporar na ração depende de vários factores, entre os quais os constituintes desta, a idade das aves e o fim a que elas se destinam. Como média, poderá ser administrada na dose de 10% da ração farinhada, ou seja cerca de 15 gramas por ave adulta. — *Sérgio Pessoa.*

XXIII

DIREITO RURAL

N.º 9 — Assinante n.º 37:220 — Olhão,

EXTINÇÃO DE SERVIDÃO

PERGUNTA — Comprei um prédio urbano, térreo, quase em ruínas, que foi parte de um outro em idênticas condições. Os dois pequenos prédios formavam um conjunto pertencente a um só dono, e, por morte deste, foram divididos entre irmãos, netos do falecido.

Agora, demolido o prédio que eu comprei a um dos netos, para dar lugar a outra construção de rés-do-chão e primeiro andar, verifica-se a existência de uma abertura na parede do meu quintal, com 40 cm de largura e 65 de altura, abertura que está a 1 metro acima do nível do solo e que servia para dar luz e ar a um cubículo que serve de quarto de criada do prédio vizinho.

Pela planta que mandei fazer, e que já está aprovada pela Câmara Municipal, a referida abertura ficaria dentro do corredor da minha casa. Pretende o dono do prédio contíguo manter a referida abertura, a que dá o nome de janela, e pretendo eu tapá-la, não só porque a não considero uma janela como entendo que, a manter-se uma tal abertura, prejudicaria imenso o prédio cujas fundações estão já em execução. Quem tem razão?

RESPOSTA — Partindo do princípio de que se trata de uma abertura feita ainda no tempo em que ambos os prédios pertenciam ao mesmo proprietário, trata-se de uma servidão constituída nos termos do art. 2.274.º do Código Civil, por destinação do anterior proprietário. Quer isto

dizer que o dono que foi de ambos os prédios criou sobre um deles e a favor do outro, uma servidão de ar e luz que o actual proprietário do prédio dominante tem o direito de manter.

O senhor assinante, ao comprar o prédio, adquiriu-o com os encargos que o oneravam, sendo um deles a servidão aqui tratada.

Mas pode acontecer que a abertura em causa tenha estado entaipada por 30 anos e, nesse caso, a servidão extinguiu-se pelo não uso, nos termos do n.º 2.º do artigo 2.279.º do Código Civil.

Finalmente, o senhor consulente pode, ao abrigo do § único do art. citado, requerer judicialmente a extinção da servidão desde que prove que o proprietário do prédio vizinho pode satisfazer as necessidades de iluminação e arejamento do cubículo por qualquer outro meio igualmente cómodo.

Muito embora o § que refiro fale somente em servidões constituídas por prescrição, sempre se tem entendido que todas as servidões podem cessar judicialmente, qualquer que seja o seu modo de constituição. — *Sérgio de Pinho.*

N.º 10 — Assinante n.º 42:728 — Castelo Branco.

HERANÇA INDIVISA

PERGUNTA — Estou casado com comunhão de bens, e minha sogra faleceu há 5 anos, deixando bens em prédios rústicos e urbano; meu sogro continuou de posse de todos os bens, embora se tivessem feito partilhas, protelando a escritura, para ficar com a maior parte dos rendimentos, fazendo deles o que lhe apetece, sem nunca ter prestado contas.

A parte que pertence a minha mulher está votada a um abandono completo, deixando secar estacas, ruir por completo palheiros que nunca mais restaura, embora evite que os de outros herdeiros caiam, reparando-os a tempo e cortando para tal pinheiros numa propriedade que pertence a minha mulher. Os meus cunhados estão feitos com ele, porque o dinheiro dos rendimentos que tira a minha mulher, serão divididos por eles.

Como não temos filhos, conseguiram pôr minha mulher de acordo com eles, embora eu gaste com o casal todos os meus rendimentos. A parte do dinheiro que coube a minha mulher, por morte da mãe, depositaram-na sem meu consentimento, numa sociedade que existia entre minha mulher e os irmãos, e como eles estão em maioria, não consentem que a levantemos.

Desejo saber:

1.º Posso exigir contas dos rendimentos

comuns ao casal e pedir partilhas judiciais, sem a intervenção de minha mulher?

2.º Posso exigir a entrega do dinheiro que nos pertenceu e do qual a sociedade se apoderou abusivamente?

3.º Também abusivamente a sociedade se apoderou, sem meu consentimento, tendo eu até escrito uma carta negando autorização para tal, dos lucros de outra sociedade. Posso também exigir a entrega deste dinheiro, ainda que seja necessário recorrer ao tribunal.

Como minha família está sendo altamente prejudicada, por eu gastar todos os meus rendimentos com o casal e os de minha mulher abusivamente absorvidos pelos irmãos, caso não possa pôr as coisas no seu devido lugar sem a intervenção de minha mulher, como proceder?

RESPOSTA — Antes de responder às questões postas, deve ficar desde já esclarecido que a partilha acordada, por não ter sido sancionada por escritura, é juridicamente inexistente. A herança continua indivisa.

O caminho a seguir será o de requerer inventário de maiores. E nele serão relacionados todos os bens da herança, para efeitos da partilha que, legalmente, não existe.

O senhor assinante pode requerer o inventário por si só, na qualidade de administrador dos bens do casal, dos quais faz parte a quota indeterminada que a sua mulher coube na herança da mãe.

Mas não pode exigir a entrega de certos e determinados bens porque, como já disse, a partilha feita é irrelevante, por falta de escritura.

O que pode é pedir prestação de contas pelo cabeça de casal, terminado que seja o inventário. — *Sérgio de Pinho.*

N.º 11 — Assinante n.º 42.701 — *S. Bartolomeu de Messines.*

PREJUÍZOS CAUSADOS POR OVELHAS EM TERRENO ALHEIO

PERGUNTA — Nesta região há bastantes ovelhas que atacam os campos fora de horas e quando lhes apetece. Se nos queixamos a quem de direito, dizem que não há crime e não dão providências algumas; o Administrador faz o mesmo. De que direitos eu poderei usar, dentro da Lei, para pôr cobro a tal estado de coisas?

RESPOSTA — Nos termos do art. 2.394.º do Código Civil:

« Aquele cujos animais, ou outras coi-

sas suas, prejudicarem a outrem, será responsável pela satisfação do prejuízo, excepto provando-se que não houve da sua parte culpa ou negligência ».

É assim, uma vez que a autoridade policial competente se mostra incapaz para reprimir os abusos de quem possui os animais, permitindo que estes causem prejuízos a outrem, pode o sr. assinante recorrer a juízo, propondo contra os donos das ovelhas a necessária acção de indemnização por perdas e danos.

Por outro lado, o direito de exclusão e defesa que o art. 2.339.º do Código Civil reconhece a todo o proprietário, permite-lhe defender o acesso ao seu terreno, a homens ou animais, usando de todos os meios ao seu alcance, desde que a lei os não vede.

E não é meio vedado o de repelir os animais, mesmo empregando a força, desde que essa seja usada na medida apenas necessária para se obter o fim em vista. — *Sérgio de Pinho.*

N.º 12 — Assinante n.º 44.641 — *Vila Pouca de Aguiar.*

SERVIDÃO DE CONDUÇÃO SUBTERRÂNEA DE ÁGUAS

PERGUNTA — Desejava que me esclarecesse sobre o seguinte, para o que apresento a seguir um pequeno esboço:

Os donos da água do poço que está na valeta tem uns canos subterrâneos na minha propriedade, há cerca de 20 anos, que estão inutilizados, querem agora substituí-los por outros de maior diâmetro. Não têm qualquer documento e disseram que têm direito de os levar pela minha propriedade, quer eu queira quer não. Será assim?

Eles podem colocar os canos na valeta porque a água sai ao mesmo nível; o que têm é de pagar à Direcção de Estradas. Sendo assim, serei obrigado a deixá-los passar, ou poderei exigir-lhes qualquer indemnização?

Quer passando, quer não, pela minha propriedade, poderei, quando quiser, aprofundar o meu poço, depois de autorizado pela Direcção de Estradas?

Essa minha propriedade fica na beira da estrada e tem um muro feito de pedra solta e bastante irregular. Os muros que continuam o meu, tanto para Norte como para Sul, estão bem feitos; querendo reparar o meu, poderei fazê-lo onde está e na continuação dos outros?

RESPOSTA — São três os problemas postos na consulta:

1.º A circunstância de se tratar de uma canalização subterrânea leva a crer que se tratará de uma servidão não aparente, isto é, que se não revela por obras ou sinais exteriores: § 3.º do art. 2.270.º do Código Civil.

E sendo assim, não pode alegar-se a sua constituição por prescrição: art. 2.273.º do mesmo Código.

Aos donos do poço, já que invocam a seu favor a existência da servidão, incumbe o ónus de provar a sua constituição.

Mas, admitindo que a servidão existe, a substituição dos antigos tubos por outros de maior diâmetro não pode fazer-se sem autorização do dono do prédio, por constituir um agravamento da servidão.

2.º O senhor assinante, nos termos do art. 102.º do Decreto n.º 5.787-IV, de 10-5-1959, pode procurar águas subterrâneas no seu prédio, por meio de poços, minas ou quaisquer escavações, desde que não prejudique os direitos que porventura alguém tenha adquirido, por justo título, sobre as águas desse prédio.

3.º Na reconstrução do seu muro o senhor assinante terá de observar o que, nas respectivas licenças for estabelecido, quer pela Direcção de Estradas, quer pela Câmara. — *Sérgio de Pinho.*

N.º 13 — Assinante n.º 42:743 — Paço de Sousa.

PROBLEMA SOBRE POSSE DE PROPRIEDADE

PERGUNTA — Antigos possuidores de uma bouça que possuo, há uns 30 anos ou pouco mais, julgo, autorizaram a construção de uma pequena barraca em madeira, que mais tarde apoiaram em uma pequena parede de meio metro de altura e mais tarde se alargaram no terreno junto da barraca onde se plantaram árvores de fruto e videiras e fizeram uma pequena vedação com paus. Mas destroem a bouça causando prejuízo, que não tenho conseguido responsabilizar. Fui informado que paga contribuição da barraca e terreno. Fui também informado que foi autorizada a construção da barraca, com arrendamento verbal, que apenas uma testemunha me informou desse tempo, e pagamento de um carro de estrume ou um alqueire de milho anualmente, que não sei se algum ano pagou. Pretende agora substituir a barraca de madeira por pedra ou blocos de cimento. Poderei considerar o terreno onde se encontra a barraca assim como o terreno onde plantou árvores, meu? Se eu conseguisse um arrendamento, que duvido? Poderá o possuidor da barraca considerar todo o terreno seu e não poder despedir?

Meu pai faleceu em 1951 em segundas núpcias com filhos; herdei uma propriedade no concelho de Moncorvo que me coube em partilhas tendo eu sempre pago a respectiva contribuição. Mas a viúva não deixou de cultivar e ter o rendimento, alegando dívidas que não existem. Informam-me que é necessário acção de reivindicação. Se eu conseguisse um arrendamento poderia reclamar as rendas vencidas, mesmo rendas não pagas anteriormente ao arrendamento, e ainda teria possibilidades de propor acção de despejo? Parece que é costume os arrendatários entregarem as terras após a debulha, mas apurado o dia que deve terminar o contrato, julgo poder propor acção de despejo sessenta dias antes.

RESPOSTA — Respondo pela ordem pela qual são apresentadas as consultas:

a) Trata-se, no fundo, de um problema de prova.

Se o sr. assinante pode provar que houve na verdade um contrato de arrendamento, o arrendatário terá de pagar a renda acordada e cumprir as demais cláusulas desse contrato.

Se a prova da existência do arrendamento não for possível, o ocupante pode alegar a posse do terreno há mais de 30 anos, com vista à prescrição aquisitiva.

É claro que se conseguir agora um contrato de arrendamento, isso será óptimo pois que, a partir desse momento, deixaria de correr risco o seu direito de propriedade.

b) Se quer entrar na posse efectiva do prédio, terá de propor em juízo a necessária acção de reivindicação em que pode pedir também uma indemnização pela indevida ocupação do prédio.

No caso de conseguir um contrato de arrendamento, as rendas só são exigíveis depois dele.

Para fazer cessar o arrendamento terá de avisar o arrendatário com a antecedência convencionada ou, na falta de convenção, 60 dias antes do termo do contrato, nos arrendamentos por um ano.

O termo do contrato, no caso dos prédios rústicos e na falta de convenção é, normalmente, pelo S. Miguel.

O sr. assinante, para fazer cessar o arrendamento no fim do respectivo prazo, dispõe de três meios: acção de despejo, notificação avulsa e aviso extrajudicial. — *Sérgio de Pinho.*



INFORMAÇÕES

Segundo Curso Intensivo de Enologia

A Estação Vitivinícola da Beira Litoral, em Anadia, vai realizar de 4 a 10 de Janeiro do próximo ano, o *Segundo Curso Intensivo de Enologia*, onde serão tratados, com o desenvolvimento possível, todos os problemas relativos a conservação e melhoramento dos vinhos e aproveitamento dos sub-produtos.

A primeira aula será às 10 horas do dia 4.

A inscrição é livre e gratuita, bastando que os interessados a peçam por escrito, em simples postal ou carta, indicando o nome, morada e a profissão ou habilitações literárias.

O alojamento será por conta dos interessados.

Estado das Culturas em 30 de Novembro

Informação fornecida pelo Instituto Nacional de Estatística

O mês de Novembro decorreu com temperaturas uniformes, ligeiramente inferiores às normais, mas apresentando dois períodos distintos quanto às características pluviométricas. O primeiro, abrangendo aproximadamente a década inicial, decorreu com céu geralmente limpo e ventos fracos. Os restantes dias do mês, que corresponderam ao segundo período, foram, com poucas excepções, de chuva abundante acompanhada, por vezes, de vento muito forte.

Deste estado do tempo resultou, naturalmente um certo atraso nos trabalhos próprios da época — principalmente as sementeiras de trigo e centeio e colheita de azeitona — devido não só à chuva que imobilizou frequentemente o trabalhador rural, mas também ao encharcamento das terras baixas que não permitiu as lavouras de sementeira. Por

outro lado, também se registaram alguns prejuízos causados pelo vento, que danificou bastante as árvores, principalmente as oliveiras.

Dum modo geral, as searas de sementeira temporã germinaram com facilidade, apresentando bom aspecto vegetativo.

As pastagens naturais e as culturas forrageiras beneficiadas pela chuva abundante e ausência de geadas — estas só nas regiões do norte se formaram em alguns dias da terceira década — apresentaram aspecto magnífico, podendo considerar-se muito boas as condições de alimentação dos gados em forragem verde.

Sempre que o estado do tempo o permitiu, procedeu-se à colheita de azeitona, encontrando-se os lagares a laborar, em todo o País. Confirma-se a previsão de uma colheita de fraca qualidade e de fundas baixas devido ao estado em que se encontra a azeitona, muito atacada pela mosca (*Dacus oleae*) e pela gafa (*Gloeosporium olivarum*). Mesmo assim, espera-se que a produção de azeite venha a superar a do ano passado em 43 o/o o que equivale a uma produção semelhante à média do último decénio.

Se bem que, em consequência do temporal, os montados tenham perdido muito fruto, a montanha está a decorrer em razoáveis condições, facilitada pelo estado do terreno, húmido e coberto de erva.

Nos pomares de citrinos são evidentes os resultados do ataque da mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*) e do mildio (*Phytophthora hibernatis*). Não obstante os tratamentos efectuados, tem caído grande quantidade de fruta, devido ao ataque destas pragas.

A colheita de castanha ficou praticamente concluída, tendo sido a produção bastante superior à do ano passado, quer em qualidade, quer em quantidade.

O movimento das feiras e mercados foi frequentemente prejudicado pelo mau tempo. Em algumas regiões notou-se ligeira tendência para subida no preço de alguns produtos, nomeadamente batata e gado de açougue.

Durante o mês, muitos dias foram de inactividade para o trabalhador rural. Nas regiões do centro e norte foi exclusivamente o estado do tempo que originou essa inactividade. Em algumas regiões do sul, especialmente no Baixo Alentejo, houve também escassez de serviços agrícolas, tendo-se ocupado muitos jornaleiros em trabalhos públicos.

Boletim Meteorológico para a Agricultura

Fornecido pelo
Serviço Meteorológico Nacional

Influência do tempo nas culturas

1.ª década (1-10) de Dezembro de 1959

De uma maneira geral o estado das culturas não sofreu alteração apreciável durante a década. As culturas cerealíferas continuam a evoluir lenta e regularmente e as hortícolas e pastagens encontram-se em regulares condições. No entanto, os temporais que se têm feito sentir nos últimos dias da década causaram alguns prejuízos, em especial nas culturas dos terrenos baixos provocando ao mesmo tempo grande atraso na conclusão das sementeiras e noutros trabalhos agrícolas próprios da época.

Sempre que o tempo o permite tem-se procedido à apanha da azeitona que se apresenta bastante atacada por «gafa». Continuam os trabalhos da laboração dos lagares.

O vento forte que houve nos últimos dias da década derrubou muita azeitona, cuja recolha tem sido dificultada pelas condições do tempo.

2.ª década (11-20) de Dezembro de 1959

A chuva que caiu em alguns dias da década manteve ou melhorou o aspecto vegetativo das forragens, culturas hortícolas e cereais já semeados apresentando estes bom desenvolvimento e afilhamento.

Em algumas regiões foi pequena a actividade nos campos por causa da chuva e do estado das terras demasiadamente encharcadas, o que originou a paralisação das sementeiras que em muitos locais ainda estão por fazer.

Sempre que possível prosseguiram os trabalhos agrícolas próprios da época, como apanha de azeitona e de citrinos, poda e empa das vinhas, etc. Continua com actividade a laboração dos lagares de azeite.

Curso de nutrição animal

O curso de nutrição animal que desde o início do mês findo se vinha realizando na Estação Zootécnica Nacional, encerrou com uma magnífica lição proferida pelo eminente cientista francês Professor Raymond Jacquot, Director do Instituto de Investigações Científicas, de Bellevue — Paris. O curso foi proferido por aquele eminente cientista, pelo professor de Fisiologia da Escola Veterinária de Toulouse, Henry Le Bars, e pelo veterinário Dr. Apolinário Portugal, bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian, que, num ritmo de trabalho

exaustivo e com alto nível científico, focaram os aspectos essenciais do vasto campo da nutrição.

Após a última lição, foi realizada uma sessão solene de homenagem aos ilustres professores, na qual foi posto em relevo o interesse dos assuntos versados no curso e a utilidade de se intensificar a preparação científica do pessoal técnico que nos assuntos da produção animal tenha de intervir, bem assim como a impecável organização deste curso, da iniciativa do Dr. Joaquim da Silva Portugal, Director da Estação Zootécnica Nacional, que rodeou das maiores atenções todos quantos nele tomaram parte.

Os técnicos que tomaram parte no curso homenagearam ainda os ilustres professores com um jantar regional, a que presidiu o Director-Geral dos Serviços Pecuários, Dr. Arménio França e Silva, que, aos brindes, agradeceu a colaboração dos professores franceses e exortou os técnicos presentes a interessarem-se cada vez com maior entusiasmo pelos problemas da alimentação animal, um dos factores básicos da exploração dos gados.

O Professor Jacquot, vivamente sensibilizado com a hospitalidade, agradeceu as saudações e as homenagens que lhes eram prestadas e venceu a boa impressão que levava do curso e dos técnicos portugueses.

INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

300 quilos de mel puro centrifugado e 50 quilos de cera amarela pura, vende Luciano Francisco Pereira — Água Longa — Santo Tirso.

Cães Serra da Estrela, 1 fêmea e 2 machos, filhos de pais de raça pura. Vende António Bernardo Antunes — Quinta de S. Bento — Britiande.

Patos Kaki Campbell importados da Holanda há 2 anos. Ovos para incubação, patinhos do dia e de 15 dias. Vende o criador João S. Antunes — Margem, Gavião.

Paus de moiroa para videiras, grandes e pequenas quantidades. Vende a Quinta da Gramela — Pombal.

Pavões brancos, compram-se três, 2 fêmeas e um macho. Indicar preço para a propriedade da Mencoca — Montoito (Alentejo).

Bácoros «Large White» puros, para entrega imediata. Vende J. F. Borges da Gama — Quinta de Prime — Viseu.

Bacelos barbados da qualidade Carcavelos, que é uma das mais afamadas castas. Vende António Joaquim Castelo — Bombarral.



A UNIFA

põe à disposição dos Agricultores

a) Produtos para combater males e pragas

Agral LN — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

Albolineum — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «icérias».

Mergamma — Desinfectante da semente do milho, à qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

Cloroxone — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

Didimac 10 e 50 — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

Gammexane 50 (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e B. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hoplocampas», etc.

Gamapó A — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónimo» do arroz, «alfinete» do milho, «roscas», etc.

Katakilla — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

Malaxone — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afídios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

Quirogama — Insecticida líquido para o combate ao quirónimo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

Agroxone 4 — Herbicida selectivo com base em M. C. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuízos aos cereais.

Atlacide — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

Trioxone — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2, 4, 5 T, embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2, 4, 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

c) Produtos auxiliares da vegetação

Horthomona A — É um preparado sintético que estimula e ace-

lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDADORES DA

Companhia União Fabril

Rua do Comércio, 49 — LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 84 — PORTO

GAZETA das ALDEIAS

(9)

Se pensa em
JÓIAS-PRATAS
MÁRMORES
BRONZES

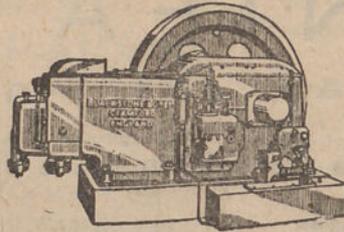
Pense V. Ex.^a na

Ourivesaria
Aliança

191. R. das Flores, 211
P O R T O

Filial em LISBOA:
R Garrett (Chiado), 50

30568



PARA:

- DEBULHADORAS
- LAGARES DE AZEITE
- MOAGENS
- BOMBAS

MOTORES DIESEL

Lister-Blackstone

Pinto & Cruz, Limitada

Rua de Alexandre Braga, 60-64 — Telefone, 26001/2 — PORTO

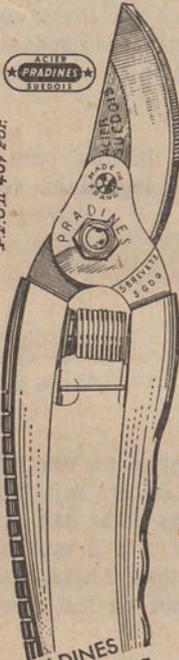
2177

A Tesoura mais apreciada!

PRADINES n°4



P.O. II 407 Por.



3826

LAMINA
SUBSTITUIVEL
EM AÇO SUECO

Especialmente criada para
satisfazer as exigencias pro-
fissionais mais severas dos
Viticultores e Arboricultores.

leve mas robusta

A elevada resistencia do aço de alta
qualidade que entram no seu fabrico,
permitted reduzir consideravelmente o
peso, aumentando a robustez.

potente e confortavel

A precisão de fabrico de todos os seus
órgãos, a lamina de gume incisivo, a
forma estudada para comodidade de
manobra, o amortecedor de choque,
permitem realizar **sem esforço cortes
perfeitos** nos mais grossos ramos.

a mais duravel

Todas as vantagens indicadas fazem
com que esta seja a **tesoura de
maior duração**. Durante muitos
anos esta tesoura vos prestará os
melhores serviços.

PRADINES
é sem duvida a
MAIS ECONOMICA

PRADINES

A FERRAMENTA DE PRECISÃO DA CIRURGIA
ARBORICOLA E VITICOLA

Representantes Exclusivos
para Portugal Ilhas
e Ultramar

NOVIDADES AGRICOLAS RODANA L^o
Rua Teixeira de Pascoais 21E
Rua Dr. Gama Barros 60
Telefone 728848 LISBOA - 5

Concedem-se Agencias nos concelhos Disponiveis

AVERY

2876

A MARCA COM MAIS DE 225 ANOS DE EXISTÊNCIA

Balanças * Básculas * Medidoras para
petróleo, azeite e óleo * Cortadores
para fiambre * Moinhos para café *
Picadoras

MODELO A. 952

Capacidade — 10 quilos
Mostrador — 1 quilo
Divisões — 5 gramas

Balança semi-auto-
mática precisa,
moderna e de ele-
gante apresentação

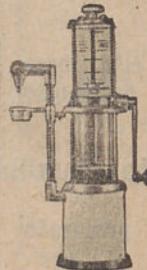


MODELO M4CH

**Medidora para Petróleo,
Azeite e Óleo**

Medição rigorosa e automática
nas capacidades de 1/2 e 1
decilitros, 1/8, 1/4, 1/2 e 1 litro

ESMALTADA A BRANCO
RÁPIDA E HIGIÊNICA
ELEGANTE, ROBUSTA E EFICIENTE



AVERY PORTUGUESA, L.^{DA}

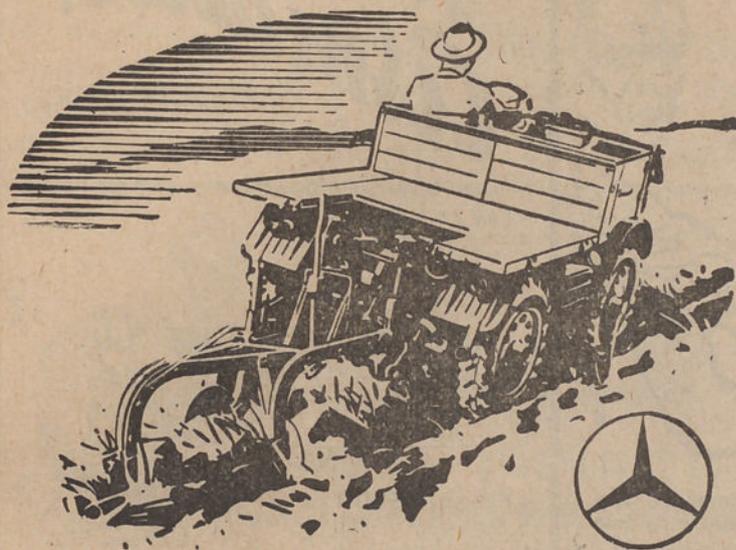
SEDE — LISBOA — Rua Braamcamp, 66-70 — Telef. 42001

FILIAL — PORTO — Rua D. João IV, 23 — Telef. 22144

AGÊNCIAS } COIMBRA — Rua da Sofia, 164 — Telef. 4512

FUNCHAL — R. Ferreiros, 18 — Telef. 818.2386

O TRACTOR MERCEDES-BENZ



UNIMOG

IDEAL PARA TODOS
OS TRABALHOS
AGRÍCOLAS E FLORESTAIS

- * TRACÇÃO ÀS 4 RODAS
- * BLOCAÇÃO DOS 2 DIFERENCIAIS
- * ELEVADORES DE ALFAIAS À FRENTE E À RETAGUARDA
- * 3 TOMADAS DE FORÇA
- * PLATAFORMA DE CARGA PARA 1 TON.
- * AUTORIZADO A REBOCAR ATRELADOS COM O PESO BRUTO MÁXIMO DE 15.000 KG.

REPRESENTANTES:

C. SANTOS LDA.

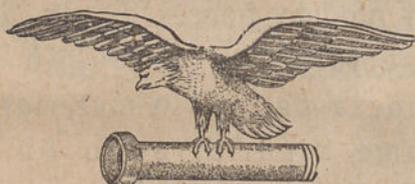
3427

39, AV. DA LIBERDADE, 41—LISBOA

160, RUA DE SANTA CATARINA, 168—PORTO



Argola para poços



Tubos de cimento



Peças para minas

3199

A INDUSTRIAL DO BARREIRO

VILA NOVA DE FAMALICÃO—Telef. 115

Fábrica de: Tubos de cimento para a condução de água a qualquer pressão, Blocos, Argolas para poços, Peças para minas, Postes para iluminação Pública, Barricas em cimento para sulfatação. Chamamos a atenção para as peças para minas, tubos e argolas de cimento, por ser um fabrico ainda bastante desconhecido e de duração sem confronto. Armazém de: Ferragens, Drogaria, Telhas, Cimentos, Cal hidráulica, Cal gorda, sal, Adubos químicos, etc.

À lavoura em geral e aos criadores de gado em especial

O sucesso que tem obtido os alimentos concentrados SOJAGADO é já hoje indiscutível. Todos os Grémios da Lavoura nos têm manifestado o apreciável valor da SOJAGADO

- SOJAGADO N.º 1 — para vacas leiteiras
- SOJAGADO N.º 2 — para gado vacum em geral
- SOJAGADO N.º 3 — para porcos
- SOJAGADO N.º 4 — para aves e galináceos
- SOJAGADO N.º 5 — para aves até 8 semanas

SOJAGERME — Proteínas + Gordura 36% (este para desdobramento e composição de rações)

SOJA PURA EXTRACTADA

Não engane o seu gado com alimentos pobres porque se engana a si próprio

SOJA DE PORTUGAL, LDA. * FÁBRICAS EM OVAR—Telef. 63

Escritórios em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros, 38, 1.º—Telefs. 23830 e 27806

Os pedidos podem ser feitos directamente aos n/ escritórios ou ao Sr. António Câmara Cordovil, Rua de Campolide, 55, 1.º, dt.º, Lisboa—Tel. 685262.

3588A

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência

para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.

A venda em todas as farmácias e drogarías

VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA

RUA DA PRATA 237 - LISBOA



Sr. **Asmático:**
LIBERTE-SE DO MEDO
ÀS CRISES

USE SEDO-ASMOL E PODERÁ
FAZER UMA VIDA
NORMAL

AGORA:

MAIS ACTIVO
MAIS ESTÁVEL
MAIS BARATO

Preço, 18\$00

SEDO-ASMOL



2615

ASEPTIC

DESINFECTA
DESCORA
DESODORISA

Um produto francês de alta qualidade, especialmente estudado para a limpeza de todo o material e vasilhame vinário, novo ou usado, indispensável em todas as adegas.

Aplicação Fácil - Despesa Mínima

AGENTES DISTRIBUIDORES

O ENOL — Sociedade Portuguesa de Enologia, L.da

Rua da Prata, 185-2.º Dt.º — LISBOA — Telefones: 28011-28014

2860

HERDADES E QUINTAS

Compras, vendas, hipotecas, administrações, arrendamentos, explorações em sociedade, fiscalizar rendeiros, etc.. Tenho profundos conhecimentos e colaboração de Engenheiros Agrónomos e Feitores Agrícolas. Dou amplas referências e garantias morais, profissionais e materiais. Respostas por escrito a

M. Lécas Espada

Parede, Linha de Cascais ou Telef. 04 72 90, todos os dias úteis até às 12 horas.

Também trata de compras, vendas, recebimento de rendas, etc., de prédios e moradias, em Lisboa e arredores.

3672

O Caminho de Ferro
é o transporte ideal, pois
é seguro, rápido, prático
e económico.

1593

Lãs * Sedas
Algodões
Atoalhados
Malhas interiores
Malhas exteriores
Camisaria

V E N D E M O S M A I S B A R A T O

Armazéns Cunhas

P O R T O

E N V I A M O S S E M P R E A M O S T R A S S O L I C I T A D A S

3618

2738

Bosch

BOMBAS E INJECTORES
PARA TRATORES E SUA REPARAÇÃO
COM PEÇAS GENUINAS BOSCH

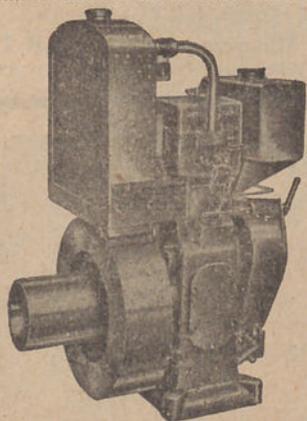
E. T. ROBERTO CUDELL, L.^{DA}

PORTO

R. Faria Guimarães 883
R. Passos Manuel 30

LISBOA

112 Áv. Duque Loulé 120



Motor Diesel «A B C»

MOTORES a gasolina, a petróleo e a gasoil.

GRUPOS MOTO-BOMBAS para tirar água (de motor a gasolina e a petróleo).

MATERIAL VINÍCOLA — Esmagadores de uvas; Prensas para bagaço; Cinchos; Bombas de trasfega, etc., etc.

DESCAROLADORES do milho (manuais e para motor); Tararas e muito outro material agrícola.

Adubos — IMPORTADORES

SEMENTES das melhores procedências nacionais e estrangeiras, para horta, prado e jardim.

PEDIDOS AO

Centro Agrícola e Industrial, Lda.

Telefs. 25865/6 * R. Santa Catarina, 309—PORTO * Telegr. «Agros»

2747

MOBILIÁRIO USADO

em todos os géneros, para todos os aposentos.

Temos moderno e antigo.

Temos mobiliário em todos os tamanhos e para todos os preços.

Na nossa casa compra o rico, o pobre e o remediado.

Também fabricamos qualquer modelo por encomenda e fazemos entregas ao domicilio.

VENDAS, TROCAS E COMPRAS DE MÓVEIS DE QUALQUER GÉNERO.

ANTIGUIDADES E TUDO DE VALOR.

A **Casa das Móveis Usadas** do Porto é na Travessa de Cedofeita, 46 — Telefone, 25756.

3605

Fábrica de Porcelana da Vista Alegre, L.^{da}

PORCELANAS PARA USOS
DOMÉSTICOS E INDUSTRIAIS
DECORATIVAS E ELÉCTRICAS

A sua produção é considerada a melhor e a mais artística, rivalizando, em qualidade, com as estrangeiras.

LISBOA
Largo do Chiado, 18
PORTO
Rua Cândido dos Reis, 18

E À VENDA NOS ESTABELECIMENTOS DA ESPECIALIDADE

1850



Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, Limitada

O estabelecimento Hortícola mais antigo e completo da Península
Fundado em 1849

Adubos para todas as culturas — Fórmulas químicas e químico orgânicas — *Árvores florestais e de fruto* — *Oliveiras e videiras* — Distintas variedades, rigorosamente seleccionadas — *Sementes de horta e forragens* — Acabamos de receber dos nossos antigos fornecedores do Estrangeiro, verdadeiramente seleccionadas e com todas as garantias, sementes de Horta e Forragens, a preços razoáveis * *Batata de semente* — Anualmente importamos batata de semente, devidamente certificada, das variedades mais produtivas e mais acreditadas no nosso País.

2096 Catálogos grátis a quem os requisitar

QUINTA DAS VIRTUDES

Rua Azevedo de Albuquerque, 5 — PORTO
Telefone, 21632 Telegramas: • HORTICOLA — PORTO,



Sunda Elástica

S/ MOLAS E S/ PELOTAS

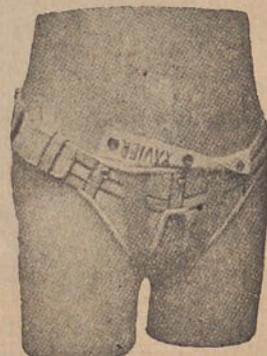
CASA XAVIER

Albino Pinheiro Xavier, Filhos
ORTOPEDISTAS

161, Rua dos Caldeireiros, 165 — PORTO

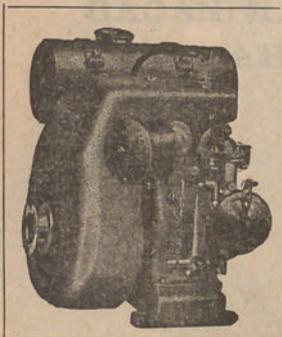
Telefone, 22908

1701



Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40
1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-À NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F
Telef. 53393 3532

Produtos V.A.P. — Portugal

(Fórmulas Inéditas)

GLYCOL

(O Ideal da pele)

O único preparado que realiza a máxima beleza, dando à pele o raro encanto da mocidade

V
A
P

VAP

(Elisir dentífrico concentrado)

Um sopro realizado: aroma sedutor, frescura inextinguível e higiene máxima

À VENDA NAS MELHORES CASAS DO PAÍS

Depositários Gerais: **Ventura d'Almeida & Pena** — Rua do Guarda-Mor, 20-3.º-Esq.-LISBOA
ENVIAMOS ENCOMENDAS PELO CORREIO À COBRANÇA 1508

Viveiros da Quinta de S. Miguel

A maior selecção de barbados americanos, de todas as variedades e para todos os terrenos, bem como árvores de fruto rigorosamente seleccionadas e desinfectadas.

Suínos de pura raça YORKSHIRE (LARGE WHITE). Galinhas de raça PLYMOUTH ROCK BARRADA e LIGHT SUSSEX. Perús MAMMOUTH e patos KAKI-CAMPBELL e PEKIN. Novilhos e novilhas, pura raça holandesa, e outros melhorados pelo sangue da mesma raça.

No seu próprio interesse, visite os nossos viveiros.

Sociedade Agrícola "Quinta de S. Miguel", L.da

Carreira — Silveiros (Minho)

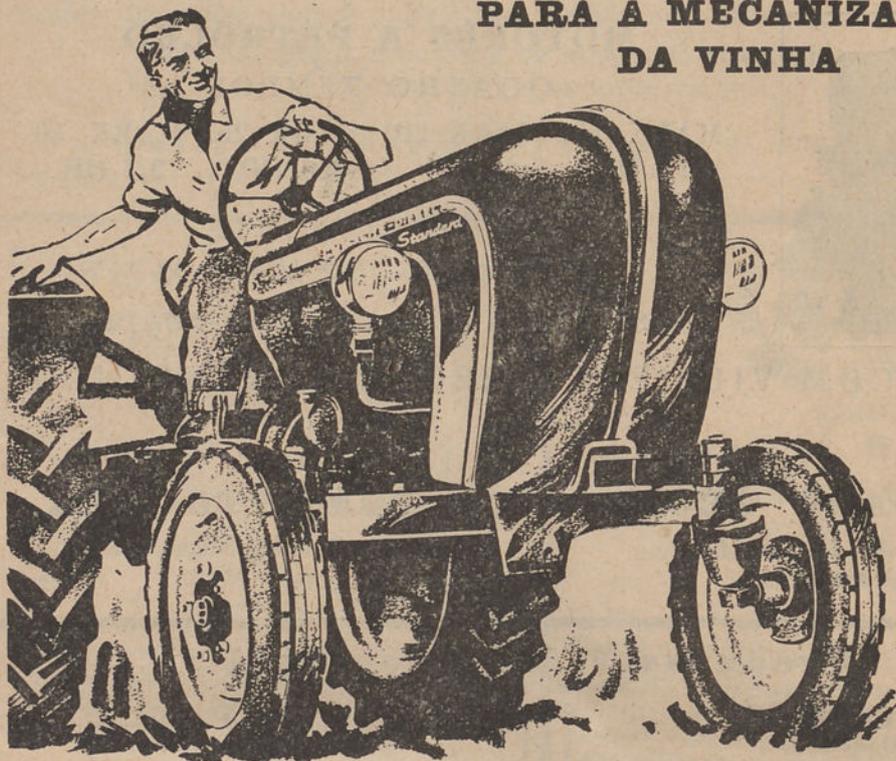
8598

Telef. 71 — NINE

TRACTORES

PORSCHE-DIESEL

PARA A MECANIZAÇÃO DA VINHA



Tractores de 15 e 27 HP-SAE — Larguras mínimas 87 e 98 cms.

Alfaias próprias para todos os trabalhos da Vinha

Tractores para pequena, média e grande lavoura 15, 27, 41 e 51 HP.-S.A.E.

Alfaias Agrícolas de todos os tipos

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

Distribuidores gerais: **J. J. Gonçalves, Sucrs.** (Secção Agrícola) Tels. 48440-57414

Rua Alexandre Herculano, 4 — LISBOA

LISBOA — PORTO — ÉVORA * AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

3629

Fábrica de Passamanarias

(FUNDADA EM 1910)

Galões de seda para paramentos
de Igreja

Elásticos para suspensórios, calçado,
cintas, etc.

GARCIA, IRMÃO & C.^a L.da

Avenida Fernão de Magalhães, 1201

Telef. 41273

PORTO

3525



CONTRA A PAPEIRA

1369

EM CADA TRIMESTRE OS CRIADORES
PREVIDENTES DÃO

MARCA **PLOUGH** (CHARRUA)
(Allen & Hanburys, Ltd., Londres)

em cápsulas gelatinosas de 1 c. c.

- Produto garantido
- Reduz a mortalidade
- Eficácia comprovada
- Valoriza as cabeças
- Fácil aplicação
- Melhora a lã

Agentes: COLL TAYLOR, L.da-R. Douroadores, 29-1.º-LISBOA



O QUE DÁ RESULTADO CERTO... NUNCA É CARO

Sabendo que por cada 100 kgs. de NITRATO DO CHILE aplicados na **cultura do trigo** em cobertura se obtêm mais 250 kgs. de grão — não há que hesitar, nem recorrer a produtos mais baratos.

Empregando NITRATO DO CHILE tereis a garantia de usar um produto **natural**, nobre e de comprovada eficiência.

Com NITRATO DE SÓDIO DO CHILE garante-se a **fertilidade dos solos** e a **sanidade das culturas**.

30 elementos secundários (Boro, Manganés, Iodo, Molibdénio, etc.).
Não acidifica as terras.

O adubo azotado com maior experiência nos solos do País.

POR ISSO A LAVOURA O
PREFERE E O EXIGE



NITRATO
DE SÓDIO DO

CHILE

Snr. Lavrador

A matéria orgânica é indispensável para se obterem bons rendimentos.

Transforme as suas palhas em óptimo estrume utilizando

CIANAMIDA CÁLCICA

(CAL AZOTADA)



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

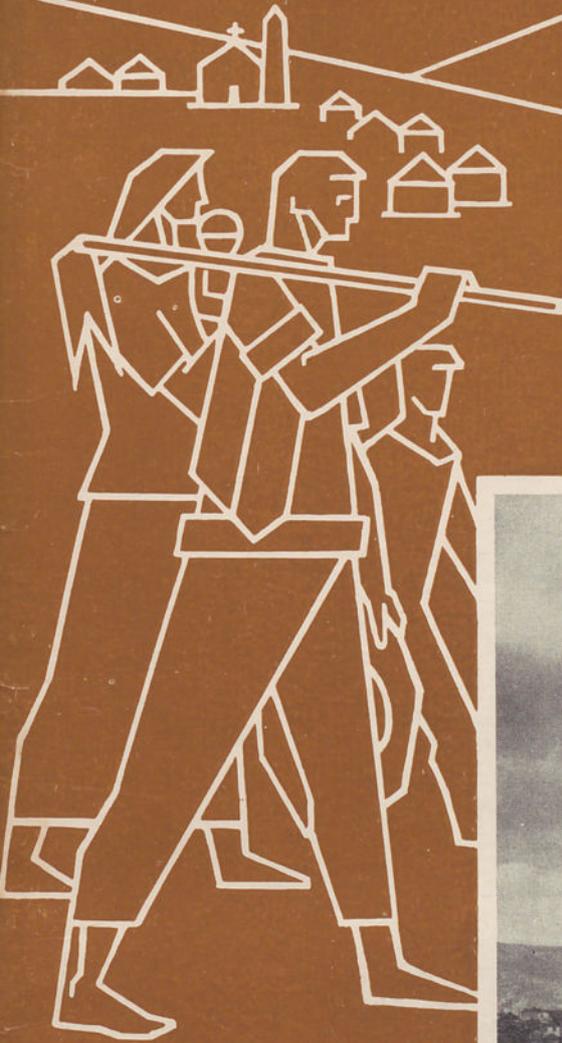
INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA—TELEFONE 368989

3108

Gazeta das Aldeias



Sala.....
Est. 6600
Tab.....
M o